

A
Igreja
que
Jesus
Edificou

A Igreja que Jesus Edificou

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO É PARA SER VENDIDA.

É um serviço educacional de interesse público, publicada pela Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*.

© 2013, 2018 Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*

Todos os direitos reservados. Impresso nos EUA

*As Escrituras aqui citadas, salvo referido em contrário,
são extraídas da versão da Bíblia de*

João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC), SBB 1998.

Índice

3 Introdução

5 Um Povo Especial Para Deus

12 Os Antecedentes Históricos do Termo Igreja

13 Como a Palavra Igreja é Usada na Escritura e na Língua Corrente

14 “Igreja” e “Congregação” nas Escrituras

15 Frases Bíblicas e Termos Referentes ao Povo Exclusivo de Deus

16 Um Povo Espiritualmente Transformado

25 Os Apóstolos: Um Estudo da Conversão

27 A Responsabilidade e a Missão da Igreja

32 Qual é o Verdadeiro Evangelho?

34 Hoje é o Único Dia de Salvação?

35 O Surgimento de um Falso Cristianismo

47 Mudanças na Perspectiva de Estudiosos Cristãos Sobre a Lei de Deus

50 As Antigas Tendências que Afetaram o Futuro da Igreja

53 A Igreja de Deus Atualmente

62 O Que a Igreja Primitiva Acreditou e Praticou?

65 A Igreja Como a Noiva de Cristo

Versões Bíblicas

As escrituras citadas são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC). Quando outra versão é usada, a versão bíblica é referenciada com as seguintes abreviações:

ARA – Almeida Revista e Atualizada
ACF – Almeida Corrigida Fiel
BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje
NVI – Nova Versão Internacional

Introdução

“Escrevo-te estas coisas . . . para que saibas como convém andar na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade” (1 Timóteo 3:14-15).

Jesus Cristo disse que edificaria a Sua Igreja e que esta nunca morreria. O Cristianismo de hoje, com suas centenas de denominações, crenças e práticas muito diferentes, é a Igreja que Jesus prometeu edificar?

Jesus Cristo proclamou, há quase dois mil anos: *“Edificarei a Minha igreja”*. Ele declarou que a Sua Igreja nunca iria morrer, prometendo que “as portas do Hades [a sepultura] não poderão vencê-la” (Mateus 16:18, NVI).

Como veremos nas páginas que se seguem, a instituição à qual Jesus se refere não era um prédio ou uma mera organização física. Pelo contrário, a Igreja foi e continua sendo a assembleia dos chamados seguidores de Cristo, espiritualmente transformados e fiéis.

Jesus assegurou a Seus discípulos que guiaria e preservaria a Sua Igreja, até Seu retorno, prometendo-lhes: “Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos” (Mateus 28:20).

O que aconteceu com a Igreja que Jesus fundou? Uma testemunha ocular nos diz que imediatamente depois de Cristo subir ao céu, após Sua ressurreição, Seus apóstolos, “tendo partido, pregaram por todas as partes, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram” (Marcos 16:20). A Igreja teve um começo poderoso.

Hoje, milhões de pessoas que professam o Cristianismo afirmam serem membros da Igreja fundada por Jesus. Mas o Cristianismo é uma religião dividida, compreendendo centenas de denominações e divisões. Através dos séculos, a maioria procedente do Cristianismo tem assimilado muitas tradições *antibíblicas*—filosóficas, culturais e religiosas—em seus ensinamentos e práticas, disseminando ainda mais variações.

Como podemos explicar a explosão de facções com práticas contraditórias e conflitantes no mundo do Cristianismo? É possível conciliar os grupos denominacionais antagônicos com as normas e objetivos estabelecidos por Cristo para Sua Igreja? Como podemos saber se essa desconcertante variedade de costumes e ensinamentos do Cristianismo representa fielmente a Jesus Cristo?

Lembre-se, Jesus não só prometeu que edificaria Sua Igreja, mas também assegurou a Seus discípulos que Sua Igreja não pereceria. Então, a Igreja é esse Cristianismo dividido que vemos ao nosso redor? Somente as Sagradas Escrituras podem nos dar uma resposta confiável para esta pergunta.

Se a promessa de Cristo de que “as portas do inferno não prevaleceriam” contra a Sua Igreja deve ser considerada como uma garantia para aqueles

que creem no Seu nome jamais serem enganados ou corrompidos, então teríamos todas as razões para aceitar a coletividade das inúmeras divisões do Cristianismo como a Igreja que Jesus edificou.

Mas Ele não garantiu tal coisa. Em vez disso, Ele advertiu aos Seus discípulos que “se levantarão *falsos cristos e falsos profetas* e farão sinais e prodígios, para *enganarem*, se for possível, até os escolhidos” (Marcos 13:22, toda ênfase acrescentada). Mais tarde, o apóstolo Paulo expressou seu “receio” de que a “mente” dos cristãos de sua época pudesse ser “corrompida” e que “se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo” pela pregação de “falsos apóstolos” (2 Coríntios 11:3, 13, ARA).



Jesus falou ainda foi mais claro, explicando que “*estreita é a porta, e apertado, o caminho* que leva à vida, e *poucos há que a encontrem*. Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores. Por seus frutos os conhecereis” (Mateus 7:14-16).

Nestas páginas, vamos examinar os frutos que Jesus e seus apóstolos disseram que

Através dos séculos, a maioria procedente do Cristianismo tem assimilado muitas tradições antibíblicas—filosóficas, culturais e religiosas—em seus ensinamentos e práticas.

identificariam Sua Igreja. Vamos observar esses frutos em contraste com a identificação daqueles que são *influenciados por um espírito diferente* e pregam um *evangelho diferente*. Vamos aprender, não da opinião ou tradição humana, mas diretamente da Palavra de Deus, como podemos distinguir “a igreja do Deus vivo” (1 Timóteo 3:15) daqueles que seguem “falsos profetas” em pele de cordeiro.

Para maior clareza ao longo deste livro, a palavra *Igreja* (com um *I* maiúsculo) refere-se à Igreja fiel que Jesus Cristo fundou. A palavra *igreja* (com *i* minúsculo) refere-se a grupos locais de crentes ou de outras organizações físicas. Uma vez que a palavra *igreja não é* escrita em maiúscula nas traduções da Bíblia citadas, todas as citações bíblicas—esteja referindo-se ao Corpo de Cristo ou a uma congregação local—são escritas com um *i* minúsculo.

Um Povo Especial Para Deus

“Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. Antes vocês nem sequer eram povo, mas agora são povo de Deus; não haviam recebido misericórdia, mas agora a receberam” (1 Pedro 2:9-10, NVI).

Para a maioria das pessoas, uma igreja é um edifício onde as pessoas se reúnem. Mas nas Escrituras, a palavra refere-se a um grupo de pessoas—que são chamadas a seguir Jesus Cristo. É importante que entendamos a herança espiritual dessas pessoas especiais para Deus.

Jesus Cristo fundou a Igreja do Novo Testamento, na cidade de Jerusalém na festa bíblica de Pentecostes, cinquenta dias após a Sua ressurreição dentre os mortos.

Entre o momento da Sua ressurreição e a fundação de Sua Igreja, Cristo apareceu aos Seus apóstolos ao longo dos primeiros quarenta dias, ainda esclarecendo-lhes das coisas concernentes à vinda do Reino de Deus (Atos 1:3). Durante esse tempo, Ele “determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai” (versículo 4). Ele explicou-lhes: “Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra” (versículo 8).

Ele inspirou mais tarde o apóstolo Paulo para explicar a importância crucial do recebimento do Espírito Santo no processo de uma pessoa se tornar um membro verdadeiramente convertido de Sua Igreja: “Mas, *se alguém não tem o Espírito de Cristo*, esse tal não é dele. E, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto [simbolicamente] por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça” (Romanos 8:9-10).

Através da habitação do Espírito Santo dentro dos cristãos, Jesus Cristo e Deus Pai participam ativamente nas vidas dos cristãos para fortalece-los e inspirá-los na sua obediência e serviço a Deus (Filipenses 2:12-13).

Portanto, a Igreja, o corpo dos crentes transformados espiritualmente, começou quando os apóstolos de Cristo receberam o Espírito Santo, assim como Ele tinha prometido (Atos 2:1-4). O Espírito de Deus instantaneamente mudou-lhes. As inúmeras pessoas que os ouviram perceberam que eles haviam recebido uma inspiração especial e poder de Deus.

Imediatamente, os apóstolos começaram a pregar, para aqueles que estavam reunidos no templo em Jerusalém naquele dia de Pentecostes, dizendo que Jesus de Nazaré era o Messias, há muito tempo aguardado—

ou, em grego, o Cristo (Atos 2:36). Eles pediram aos seus ouvintes para arrepender-se e ser batizados em nome de Jesus (versículo 38). Até o final daquele dia cerca de três mil pessoas foram acrescentadas à Igreja (versículo 41).

A Igreja que Jesus havia prometido edificar tinha começado! Seus membros eram pessoas arrependidas que “de bom grado receberam” a verdade de Deus (versículo 41) e foram batizadas (imersos na água)—simbolizando a sua aceitação da morte sacrificial de Cristo para o perdão dos seus pecados, e do enterro e purificação de seus antigos caminhos pecaminosos.

A visão bíblica sobre a Igreja

Ao examinarmos a Igreja que Jesus edificou, vemos como a palavra *igreja* é usada na Bíblia. Toda *igreja* e *congregação* nas Escrituras se refere a pessoas, nunca a um edifício. A Igreja (o Corpo de Cristo) ou a igreja (uma congregação de membros da Igreja) é composta de pessoas chamadas a seguir Jesus Cristo.

O conceito de pessoas se reunindo para aprender os ensinamentos de Deus está integrado nos escritos do Antigo e do Novo Testamento. E está intimamente ligado a um dos Dez Mandamentos, a lei sobre o Sábado.

Durante os tempos de obediência a Deus duma maneira geral, os antigos israelitas se reuniam todos os sábados como uma congregação. O Sábado do sétimo dia (definido na Bíblia como de duração do pôr do sol da sexta-feira até o pôr do sol sábado) é uma “santa convocação”, uma assembleia sagrada. Deus ordenou que “seis dias obra se fará, mas o sétimo dia será o sábado do descanso, santa convocação” (Levítico 23:3). A Nova Versão Internacional traduz assim o mesmo versículo: “O sétimo dia é sábado, dia de descanso e de reunião sagrada”.

O conceito equivalente—uma congregação de discípulos reunidos para aprender a Palavra de Deus—foi praticado pelos primeiros cristãos. Comentando a respeito disso, em Atos 11:26 (NVI), os apóstolos Barnabé e Saulo (mais conhecido como Paulo) disseram: “Assim, durante um ano inteiro Barnabé e Saulo se reuniram com a igreja e ensinaram a muitos. Em Antioquia, os discípulos [*mathetes* em grego, que significa aprendizes ou pupilos] foram pela primeira vez chamados cristãos”.

A Igreja, então, é composta de *discípulos* ou *aprendizes* de Jesus Cristo que se reúnem para receber as instruções de Deus.

A Bíblia é o livro didático para esses estudantes de Cristo. Paulo explica que “toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa . . . para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra” (2 Timóteo 3:16-17).

Os professores são os anciãos devidamente nomeados por Jesus Cristo que pregam a Palavra de Deus (Romanos 10:14-15; 2 Timóteo 4:2). Deus os responsabiliza para “maneja[r] bem a palavra da verdade” (2 Timóteo 2:15) e para servir “de exemplo ao rebanho” (1 Pedro 5:3; 1 Timóteo 3:2-7).

A Igreja, porém, é muito mais do que apenas uma assembleia espiritual de estudantes que se reúnem para receber instruções para seu próprio benefício.

O Povo Especial de Deus

A Igreja de Deus pode ser mais bem descrita como o povo especial de Deus, chamado e escolhido por Ele para receber a salvação (a vida eterna) como filhos de Deus. Sua esperança e futuro estão inseparavelmente ligados ao retorno de Jesus Cristo.

Deus chama—convida—as pessoas de todas as esferas da sociedade para se tornar Seus servos. O apóstolo Paulo, no entanto, observou que os orgulhosos e poderosos raramente se arrependem e se tornam membros da Igreja (1 Coríntios 1:26-29). Eles tendem a ser mais relutantes em abandonar os caminhos pecaminosos do mundo.

Aqueles que, voluntariamente, respondam ao chamado de Deus são selados como Seu povo santo ao receber o Seu Espírito (Efésios 1:13). A Bíblia frequentemente se refere a eles como



Toda igreja e congregação nas Escrituras se refere a pessoas, nunca a um edifício. A Igreja é composta de pessoas chamadas a seguir Jesus Cristo.

os santos (o povo santo) ou os justos.

O apóstolo Paulo explicou que “Jesus Cristo, o qual se deu a Si mesmo por nós . . . e [para] purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras” (Tito 2:13-14).

O apóstolo Pedro também chama os membros da Igreja a “geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo [de Deus] adquirido . . . [que] não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus; que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia” (1 Pedro 2:9-10). Isso remonta ao papel atribuído por Deus à nação de Israel no Antigo Testamento (ver Êxodo 19:5-6).

Os cristãos são especiais para Deus, no sentido de que são estimados por sua fé e obediência (Efésios 5:24, 29)—não porque Deus os considera como inerentemente mais dignos do que outros (Romanos 2:11; 3:23).

Como está claro, pelo vínculo com a antiga Israel, a ideia de um povo especial, escolhido para ser servo de Deus, não é exclusiva da era cristã nas

Escrituras. Deus inspirou a introdução do conceito nas primeiras páginas da Bíblia—bem antes da existência de Israel.

Desde que criou Adão e Eva, Deus tem trabalhado individualmente com as pessoas. Entre o tempo de nossos primeiros pais e a primeira vinda de Jesus Cristo, Deus chamou e trabalhou com muitos homens e mulheres, incluindo os profetas.

Deus conta os patriarcas e profetas do Antigo Testamento entre o Seu povo especial. Jesus falou de um tempo em que “Abraão, e Isaque, e Jacó, e todos os profetas [estarão] no reino de Deus” (Lucas 13:28). A própria Igreja foi edificada “sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina” (Efésios 2:20).

Em Hebreus 11 se explica por que certas pessoas de destaque no Antigo Testamento foram especiais para Deus. Os traços que tinham em comum eram a sua obediência e fê inabalável em seu Criador.

As primeiras raízes da Igreja

A antiga Israel, uma nação descendente do patriarca Abraão, também foi, como já mencionado, o povo santo de Deus. Moisés também disse aos israelitas: “Pois vocês são povo consagrado ao Senhor, o seu Deus. Dentre todos os povos da face da terra, o Senhor os escolheu para serem o seu tesouro pessoal” (Deuteronômio 14:2, NVI). Eles eram a “congregação” [ou ‘Igreja’] de Deus (Atos 7:38).

Deus prometeu a Abraão no primeiro livro da Bíblia que ele seria o pai de *um povo escolhido e especial*.

A Bíblia descreve a relação extraordinária entre Abraão, Cristo e a Igreja. O Novo Testamento começa nos lembrando que Jesus é o descendente do rei Davi de Israel e de Abraão (Mateus 1:1)

Por que Abraão era uma figura tão significativa na Bíblia?

Abraão, que viveu quase dois mil anos antes de Jesus Cristo, foi o patriarca do povo de Israel através de seu filho Isaque e seu neto Jacó, cujo nome Deus mudou para Israel. Lemos que Abraão é como o “pai de todos os que creem” (Isaías 51:1-2, Romanos 4:1, 11-12). Ele brilha como um exemplo de fê e obediência a Deus. Por causa de sua obediência, Deus lhe fez a promessa—uma sagrada aliança—de que ele seria o pai de uma grande nação (Gênesis 13:16; 15:5; 17:2-6).

A promessa de Deus a Abraão envolvia muito mais do que a promessa de muitos descendentes. O apóstolo Pedro lembrou aos seus compatriotas judeus da importância da promessa de Deus a Abraão: “Vós sois os filhos dos profetas e do concerto que Deus fez com nossos pais, dizendo a Abraão: Na tua descendência [semente] serão benditas todas as famílias da terra” (Atos 3:25; Gênesis 22:18, ARC).

O apóstolo Paulo explicou que o “Descendente” [semente ou posteridade] prometido por fim, no sentido espiritual, é Jesus Cristo, o Salvador da humanidade: “Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não

diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo” (Gálatas 3:16, ARA).

Os herdeiros espirituais de Abraão

Somente através de Cristo alguém pode reivindicar a herança eterna prometida à descendência de Abraão: “E, se sois de Cristo, então, [também] sois descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa” (Gálatas 3:29).

Os cristãos, aqueles que compõem a Igreja do Novo Testamento, são os *descendentes espirituais* de Abraão unidos em um só corpo com o Descendente especial prometido, Jesus Cristo. Eles são os herdeiros da herança eterna prometida a Abraão. Este conceito deve estar claro em nossas mentes para que possamos apreciar plenamente o papel biblicamente definido e autorizado da Igreja que Jesus Cristo edificou.

Alguém poderia perguntar: Será que todos os descendentes físicos de Abraão—todos os descendentes das tribos de Israel—estão incluídos no descendente [semente], que é Cristo e Sua Igreja?

Observe como Jesus lida com esta questão quando confrontado por alguns que, embora descendentes de Abraão, rejeitaram a Jesus como Messias: “Responderam e disseram-lhe: Nosso pai é Abraão. Jesus disse-lhes: Se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão” (João 8:39).

Nem todos os descendentes físicos de Abraão seguiram o seu exemplo de fidelidade e obediência. Paulo explicou: “Tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração. Porque eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne; que são israelitas, dos quais é a adoção de filhos [ou filiação, como filhos de Deus], e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas” (Romanos 9:2-4).

Paulo explica que mais é necessário ser contado entre os ‘filhos da promessa’ do que ser fisicamente descendentes de Abraão: “Porque nem todos os que são de Israel são israelitas; nem por serem descendência de Abraão . . . Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência [de Abraão]” (versículos 6-8).

Israel e a circuncisão foram redefinidos

Duas coisas se destacam nestas palavras de Jesus e Paulo. Em primeiro lugar, apenas aqueles que são os ‘filhos da promessa’, aqueles que ‘fazem as obras de Abraão’, são considerados a descendência espiritual de Abraão como membros da Igreja que Jesus edificou. Segundo, os membros da Igreja receberam o status de ser filhos de Deus. Portanto, a Igreja é o “Israel de Deus” (Gálatas 6:16), os herdeiros da salvação.

Paulo explica por que os herdeiros espirituais do Reino de Deus têm precedência sobre os descendentes físicos de Abraão como destinados à

salvação: “Porque a circuncisão [o antigo sinal da aliança com os descendentes físicos de Abraão] é, na verdade, proveitosa, se tu guardares a lei; mas, se tu és transgressor da lei, a tua circuncisão se torna em incircuncisão” (Romanos 2:25). A desobediência anula o valor da circuncisão física.

“Se, pois, a incircuncisão guardar os preceitos da lei, porventura, a incircuncisão não será reputada como circuncisão? E a incircuncisão que por natureza o é, se cumpre a lei, não te julgará, porventura, a ti, que pela letra e circuncisão és transgressor da lei?” (Versículos 26-27). As pessoas que são aceitáveis a Deus *guardam Suas leis*.

“Porque não é judeu [no contexto da herança eterna prometida a Abraão] o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne. Mas é judeu o que o é no interior, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não na letra, cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus” (Versículos 28-29).

A conclusão da matéria é que a fé e a obediência *de coração*, e não o parentesco físico, é que são essenciais para agradar a Deus. Apenas aqueles que compartilham do coração de Abraão—cujo coração está espiritualmente circuncidado (Deuteronômio 30:6)—são os herdeiros das promessas espirituais feitas a Abraão. Por esta razão, a salvação está disponível para as pessoas de todas as nações que estão dispostas a serem circuncidadas no coração. A circuncisão espiritual do coração, não a circuncisão física da carne, é a que identifica os filhos espirituais de Deus.

O povo obediente de Deus

Reafirmando a promessa que fez a Abraão, Deus disse a seu filho Isaque: “Na tua descendência serão benditas todas as nações da terra” (Gênesis 26:4, ARA). Veja que Deus o escolheu para esta honra “porquanto *Abraão obedeceu à minha voz e guardou o meu mandado, os meus preceitos, os meus estatutos e as minhas leis*” (versículo 5).

Atitude de obediência de Abraão, juntamente com sua completa fé em Deus, o distinguiu como amigo de Deus para sempre (2 Crônicas 20:7). Como o apóstolo Tiago afirma: “Não foi Abraão, nosso antepassado, justificado por obras, quando ofereceu seu filho Isaque sobre o altar? Você pode ver que tanto a fé como as obras estavam atuando juntas, e a fé foi aperfeiçoada pelas obras. Cumpriu-se assim a Escritura que diz: “Abraão creu em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça”, e ele foi chamado *amigo de Deus*” (Tiago 2:21-23, NVI).

As coisas não mudaram. Aquelas que são “pessoas especiais” de Deus ainda acreditam e obedecem a Ele, como fez Abraão. Paulo escreveu à igreja de Corinto sobre as provas da fé: “E para isso vos escrevi também, para por essa prova saber se sois *obedientes* em tudo” (2 Coríntios 2:9).

Paulo explica a obediência da pessoa, como a de Abraão, deve vir de dentro—da mente e do coração: “Porque as armas da nossa milícia não são carnis, mas, sim, poderosas em Deus, para destruição das fortalezas; destruindo os conselhos e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de

Deus, e levando cativo todo entendimento à obediência de Cristo, e estando prontos para vingar toda desobediência, quando for cumprida a vossa *obediência*” (2 Coríntios 10:4-6).

O povo de Deus é especial para Ele porque, como Abraão, confia e obedece a Ele de todo coração.

Enxertados em Israel de Deus

Já vimos que Paulo considerava os gentios (não israelitas) na Igreja como judeus espirituais, mesmo que eles não fossem fisicamente de descendência israelita e fossem, literalmente, incircuncisos. Como cristãos, eles se tornaram uma parte integrante do “Israel de Deus” (Gálatas 6:16).

O que torna essa notável relação possível entre os gentios e a Israel espiritual? Paulo escreveu aos gentios convertidos: “Portanto, lembrai-vos de que vós, noutro tempo, éreis gentios na carne . . . estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo. Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto [da comunidade de Israel e das alianças da promessa]” (Efésios 2:11-13).

Em Romanos 11:13-21, Paulo usa a analogia de uma oliveira para representar o povo de Deus (comparar Salmo 52:8; 128:3) e para explicar como os gentios convertidos podem ser membros do “Israel de Deus”. Ele mostra que os gentios, “sendo oliveira brava, foste enxertado em meio deles [israelitas circuncisos] e te tornaste participante da raiz e da seiva da oliveira” (Romanos 11:17, ARA).

Paulo mostra claramente que a inclusão que Deus fez dos gentios como Seu povo especial não significa que Ele está favorecendo aos gentios mais que aos israelitas. “Pois, se foste cortado da que, por natureza, era oliveira brava e, contra a natureza, enxertado em boa oliveira, quanto mais não serão enxertados na sua própria oliveira aqueles que são ramos naturais!” (versículo 24, ARA).

Deus não tem favorito. Nesta analogia, mesmo aqueles que são israelitas por descendência física tem que ser enxertados na árvore—porque foram cortados devido à desobediência. Felizmente, existe uma maneira de ser enxertado de volta—e é o mesmo modo que está disponível para os gentios.

Os judeus e gentios igualmente desfrutaram de acesso às promessas de Deus *através de Cristo*: “Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; *porque todos vós sois um em Cristo Jesus*” (Gálatas 3:28).

O povo santo e especial de Deus, como Abraão, é um povo obediente—escolhidos de todas as nações—que decidiram não viver só de pão, “mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mateus 4:4). Sua confiança em Deus vem do coração e é demonstrada por sua atitude de obediência. O Espírito de Deus opera nessas pessoas para produzir fé e obediência, tornando-as especiais para Deus.

Os Antecedentes Históricos do Termo Igreja

O *Dicionário Bíblico Holman*, no seu artigo “Igreja”, explica o contexto da palavra *igreja*: “Igreja é a tradução ao português da palavra grega *ekklesia*. O uso do termo grego antes do surgimento da igreja cristã é importante pois duas correntes de sentido emergem da história do seu uso para o entendimento do significado da palavra igreja no Novo Testamento.

“Primeiro, o termo grego que, basicamente, significa ‘*chamados*’ era comumente usado para indicar uma *assembleia de cidadãos* de uma cidade grega e é assim utilizado em Atos 19:32, 39. Os cidadãos que eram bem conscientes de sua condição privilegiada sobre os escravos e os não cidadãos, tinham sido *chamados para a assembleia* por um mensageiro e lidaram . . . com assuntos de interesse comum. Quando os primeiros cristãos entenderam que constituíam uma igreja, sem dúvida eles se viram como *chamados* por Deus através de Jesus Cristo para um *propósito especial* e que seu status era um privilégio em Jesus Cristo (Efésios 2:19)”.

“Segundo, o termo grego foi utilizado mais de uma centena de vezes na tradução grega do Antigo Testamento de uso comum no tempo de Jesus. O termo hebraico (*qahal*) significava simplesmente ‘assembleia’ e poderia ser usado de várias maneiras, referindo-se, por exemplo, a uma assembleia de profetas (1 Samuel 19:20), de soldados (Números 22:4) ou de pessoas de Deus [duma maneira geral, isto é, da nação de Israel] (Deuteronômio 9:10). O uso do termo no Antigo Testamento referindo-se ao povo de Deus é importante para entender o termo ‘igreja’ no Novo Testamento.

“Os primeiros cristãos eram judeus que usavam a tradução grega do Antigo Testamento. Para que eles utilizarem uma auto-designação que era comum no Antigo Testamento para o povo de Deus revela a sua compreensão da continuidade que liga o Antigo e o Novo Testamento. Os primeiros cristãos entendiam que eles eram o povo do Deus que se tinha revelado no Antigo Testamento (Hebreus 1:1-2), como os verdadeiros filhos de Israel (Romanos 2:28-29), tendo Abraão como seu pai (Romanos 4:1-25), e como o povo da Nova Aliança profetizada no Antigo Testamento (Hebreus 8:1-13)”.

“Como consequência desse amplo contexto de significado no mundo grego e no mundo do Antigo Testamento, o termo ‘igreja’ é usado no Novo Testamento para uma congregação local de *cristãos chamados*, como a ‘igreja de Deus que está em Corinto’ (1 Coríntios 1:2), e também para todo o povo de Deus, como na afirmação de que Cristo é ‘cabeça de todas as coisas para a igreja, que é o seu corpo’ (Efésios 1:22-23, NVI)” (grifo nosso).

Como a Palavra Igreja é Usada na Escritura e na Língua Corrente

A *Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional* [*The International Standard Bible Encyclopedia*] entrega esse ponto de vista do uso da palavra *igreja* na linguagem cotidiana e da Bíblia: “Teologicamente, não há uma só Igreja, pois os cristãos agora são concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas”.

O *Novo Dicionário Bíblico Unger* [*New Unger's Bible Dictionary*] explica as maneiras nas quais a palavra *igreja* é usada em português: “A palavra *igreja* é usada para expressar diversas ideias, algumas das quais são escriturais, outras não. Ela pode ser usada para significar: (1) O corpo inteiro daqueles que são salvos por sua relação com Cristo. (2) Uma denominação cristã em particular. (3) O conjunto de todas as comunhões eclesiais, professando a fé em Cristo. (4) Um grupo organizado único de cristãos. (5) Um edifício designado para o culto cristão”.

Em contraste, o *Dicionário Bíblico Holman* [*Holman Bible Dictionary*] resume assim o uso bíblico dessa palavra: “Igreja é o termo mais frequentemente usado no [nas traduções do] Novo Testamento para descrever um grupo de pessoas que professam a fé em Jesus Cristo, reunindo-se para adorá-Lo, e buscando mobilizar a outros para se tornarem seus seguidores”. Esta fonte define corretamente a palavra *igreja*, como usada na Bíblia, como *um grupo de pessoas*.

O *Dicionário do Tradutor da Bíblia* [*The Interpreter's Dictionary of the Bible*] descreve em detalhes o uso da palavra *igreja* no Novo Testamento (NT):

“Na realidade para o que é designado, mais comumente, em . . . [português] pela palavra ‘igreja’, há no NT muitos termos diferentes, cada um com sua própria história etimológica e teológica. Cada termo em diferentes contextos transmite um grande conjunto de diferentes conotações e associações.

“No uso contemporâneo . . . [em português], ‘igreja’ é uma palavra dominada pelo vocabulário eclesiológico. Ela vem através do . . . latim da palavra grega *kyriakon*, que significa ‘aquilo que pertence ao Senhor’. No NT grego, *ekklesia* (quase sempre traduzido em . . . [português] por ‘igreja’) não é um termo tão dominante ou central.

“Das cento e doze citações de *ecclesia* [grafia latina] no NT, noventa por cento são encontradas nas cartas de Paulo, no livro de Atos e no Apocalipse. E em dez livros (Marcos, Lucas, João, II Timóteo, Tito, I-II Pedro, I-II João e Judas), esta palavra está ausente.

“*Ecclesia* foi usada principalmente para designar uma realidade particular comum, não para descrever seus aspectos qualitativos. Onde as qualidades distintivas e as dimensões da vida da comunidade eram o objetivo; outros termos se mostraram mais flexíveis e evocativos”.

“Em comparação com esses outros termos, *ecclesia* era relativamente neutra e opaca, transmitindo, por si só, pouco significado teológico. E teve sua utilização mais aberta, sem mudança fundamental no significado, por descrentes, bem como pelos crentes.

Mesmo entre aqueles escritores que fizeram amplo uso de *ecclesia*, percebeu-se que outros termos se mostravam realmente mais expressivos”.

“Igreja” e “Congregação” nas Escrituras

A relação da *Igreja* (grego, *ekklesia*) do Novo Testamento com a *congregação* de Israel no Antigo Testamento pode ser melhor compreendida quando aprendemos as diferentes interpretações feitas às duas palavras hebraicas para “congregação”: *’edah* e *qahal*.

O *Dicionário Bíblico Holman* [*Holman Bible Dictionary*], no seu artigo “Congregação”, explica que essas palavras hebraicas foram usadas com um significado muito diferente nos dias de Cristo e dos apóstolos: “No Antigo Testamento grego [a *Septuaginta*], *’edah* era geralmente traduzida [para o grego como] *sunagoge*, [e] *qahal* [como] *ekklesia*. No judaísmo tardio, *sunagoge* [a partir do qual deriva a palavra *sinagoga*] retratava o atual povo israelita e [a palavra] *ekklesia* [representava] os eleitos ideais de Deus, chamados à salvação. Por isso [a palavra grega] *ekklesia* tornou-se o termo para congregação cristã, a igreja . . . Há uma continuidade espiritual direta entre a congregação do Antigo Testamento e a Igreja do Novo Testamento. Significativamente a comunidade cristã escolheu o termo do Antigo Testamento para o povo ideal de Deus, chamados à salvação (*ekklesia*), ao invés do termo que descreve todos os israelitas coletivamente (*sunagoge*)”.

Isso explica porque a palavra do Novo Testamento para a Igreja, *ekklesia*, refere-se apenas a essas pessoas, judeus e gentios, que são chamadas por Deus para receber a salvação através de Jesus Cristo. Portanto, a Igreja de Deus, o termo mais comum aplicado ao povo de Deus em traduções portuguesas do Novo Testamento, é o corpo de pessoas que são especiais para Deus, porque elas obedecem a Sua Palavra e aceitam o Seu Filho, Jesus Cristo, como o Messias.

Frases Bíblicas e Termos Referentes ao Povo Exclusivo de Deus

A *Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional* [*The International Standard Bible Encyclopedia*] resume outras descrições do povo de Deus no Novo Testamento (grifo nosso): “Esta Igreja não é uma organização humana; é obra de Deus (Efésio 2:10) . . . Pode assim ser descrita em várias e abundantes frases, das quais podem ser destacadas as seguintes.

“A Igreja é o povo ou Israel de Deus (Efésios 2:12; cf. 1 Pedro 2:10), na qual se cumpre a promessa da antiga aliança: ‘Eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo’.

“É a casa ou a família de Deus (Efésios 2:19, 3:15; 4:6), composta por aqueles que são adotados [ou melhor, gerados espiritualmente] por Deus como filhos e herdeiros em Cristo.

“É o plantio de Deus para dar fruto para a Sua glória (1 Coríntios 3:10; cf. João 15:1).

“É o templo de Deus, construído pelo próprio Deus em Cristo para ser Sua morada e, portanto, ser o centro da verdadeira santidade e adoração (Efésios 2:21; cf. João 2:19; 1 Coríntios 3: 9; 1 Pedro 2:4).

“É a noiva de Cristo, pela qual o noivo deu a si mesmo de modo que pudesse ser apresentável, purificada, santificada e limpa na festa do casamento eterno (Efésios 5:25).

“É o corpo de Cristo, a plenitude d’Aquele que preenche tudo em todos, Cristo é o cabeça (Efésios 4:15) e ainda o verdadeiro sentido da totalidade (1 Coríntios 12:12), com cada cristão sendo um membro em particular (1 Coríntios 12:27)”.

Essas referências nos dizem muito sobre a definição bíblica da Igreja. Ao invés de um edifício, a Igreja é uma *assembleia de chamados—o grupo de crentes* convidados a sair do mundo para o propósito especial de Deus.

Essas referências nos dizem muito sobre a definição bíblica da Igreja. Ao invés de um edifício, a Igreja é uma assembleia de chamados—o grupo de crentes convidados a sair do mundo para o propósito especial de Deus.

Um Povo Espiritualmente Transformado

“Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Romanos 12:2).

Poucos percebem que a Palavra de Deus revela que Satanás, o diabo, tem enganado e cegado a maior parte do mundo. Somente através do chamado de Deus é que a cegueira pode ser curada. Como podemos ser ajudados a entender quem é verdadeiramente parte da Igreja?

Imediatamente após a Igreja começar, Pedro curou um mendigo conhecido que era coxo desde o nascimento (Atos 3:1-10). Este extraordinário acontecimento chamou a atenção de todos na área do templo. Imediatamente “todo o povo correu atônito para junto deles . . .” (versículo 11). Então, Pedro aconselhou a multidão atônita: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados” (Atos 3:19).

Paulo, em outra ocasião, escreveu aos cristãos convertidos em Roma: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento” (Romanos 12:2).

O que significa estas ordens—*arrepender-se, converter-se e transformar-se*—para qualquer um que deseja ser parte da Igreja de Deus?

A palavra traduzida como *arrepender-se*, no grego *metanoeo*, significa literalmente “perceber mais tarde” (*O Dicionário Expositivo Completo de Vine das Palavras do Antigo e do Novo Testamento*, de 1985, “Arrependei-vos”). Ela transmite o conceito de que é preciso reconhecer e admitir seus pecados, reconhecendo a necessidade de mudar a sua mente, coração e comportamento.

A palavra *converter-se* é traduzida do grego *epistrepho*, que significa “dar uma volta completa” ou “virar-se para” (ibidem, “Converter, Conversão”). Ela indica que, além de reconhecer e admitir o pecado, também se deve tomar as medidas necessárias para *se afastar do pecado, voltando-se em direção a Deus*. Isto requer fazer o que é certo, não apenas reconhecer o que está errado.

A palavra *transformar-se* é traduzida do grego *metamorphoo*. Ela implica uma *grande e total mudança*—uma transformação comparável à metamorfose da lagarta em borboleta.

Todos esses três conceitos esclarecem a profunda mudança que Deus espera dos cristãos—uma transformação espiritual que comumente chamamos de *conversão*. Mas ninguém pode ter uma transformação notável por si mesmo e por sua própria vontade.

As palavras acima descrevem uma mudança milagrosa no pensamento e comportamento das pessoas que recebem o Espírito de Deus. Somente aquelas que são convertidas—espiritualmente transformadas pelo poder do Espírito Santo—são cristãs (Romanos 8:9).

Por que essa transformação espiritual é tão importante?

Nossa necessidade de discernimento espiritual

Paulo disse: “De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus” (Filipenses 2:5). Deus quer que todo o Seu povo pense como Ele e Jesus Cristo pensam. Somente se pensarmos como Cristo é que vamos aprender a nos comportar como Ele se comporta. Entender como Cristo e o Pai pensam exige a *transformação de nossas mentes*.

As pessoas presumem que os temas da Bíblia são fáceis de entender, que qualquer pessoa pode facilmente compreender as verdades bíblicas.

Alguns são de fácil compreensão. Mas muitos temas e princípios bíblicos também podem ser facilmente *mal entendidos*. Isto leva a um problema fundamental: A pessoa tende a *ver o que ela quer ver*.

A Bíblia foi escrita de uma maneira que faz com que seja sempre muito fácil para qualquer um *fechar os olhos para o que prefere não ver e tapar os ouvidos para o que prefere não ouvir*. Como resultado, a pessoa pode facilmente desenvolver uma *visão distorcida* do que a Bíblia realmente diz e o que quer dizer.

As cartas de Paulo no Novo Testamento nos fornecem um excelente exemplo disso. Ao se referir aos escritos de Paulo, Pedro disse que eles “contêm algumas coisas *difíceis de entender*, as quais os ignorantes e instáveis *torcem, como também o fazem com as demais Escrituras, para a própria destruição deles*” (2 Pedro 3:16, NVI).

E isso não acontece raramente. As epístolas de Paulo, bem como outras partes da Bíblia, *são comumente mal interpretadas* por pessoas de todo o mundo. Elas foram incompreendidas na época de Paulo e ainda são frequentemente mal compreendidas.

Somente as pessoas com o Espírito de Deus guiando seu pensamento podem compreender a mensagem bíblica. Aquelas que não têm o Espírito de Deus *falham ao tentar compreender* ou simplesmente *se recusam a aceitar* partes das Escrituras.

Paulo compreendia muito bem essa trágica característica humana: “Quem

Geralmente, o problema não é que a Bíblia seja tão difícil de entender. Pelo contrário, aqueles que a leem encontram muita coisa que acham difícil de aceitar, então tentam interpretá-la de uma forma que seja aceitável para eles—mais próxima de suas próprias opiniões.

não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas *espiritualmente*” (1 Coríntios 2:14, NVI). As palavras de Paulo são claras: *É preciso ter o Espírito de Deus para compreender as verdades espirituais.*

A cegueira espiritual esconde a verdade de Deus

Geralmente, o problema não é que a Bíblia seja tão difícil de entender. Pelo contrário, aqueles que a leem encontram muita coisa que acham *difícil de aceitar*, então tentam interpretá-la de uma forma que seja aceitável para eles—mais próxima de suas próprias opiniões.

Qual o motivo para autoilusão?

O problema tem duas partes. Em primeiro lugar, Deus nos diz: “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos . . . assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos” (Isaías 55:8-9).

Por que isso acontece? Principalmente porque os pensamentos e caminhos de Deus são *baseados no amor*—preocupação para com os outros (Mateus 22:36-40). Como seres humanos, no entanto, somos fundamentalmente *egocêntricos*; pensamos primeiro em nós mesmos.

Nossa tendência natural é de *enganar a nós mesmos* para que possamos atender aos nossos próprios interesses egoístas. Jeremias 17:9 aponta que o nosso “coração”—a nossa motivação e raciocínio humano básico—é enganoso “mais do que todas as coisas” e nos leva a autoengano. Precisamos reconhecer em nós mesmos esta característica comum da natureza humana e estar dispostos a mudá-la para que Deus possa nos transformar. Precisamos de uma nova maneira de pensar, um novo coração e mente.

Nosso pensamento deve ser mudado pelo Espírito de Deus para que nossos interesses sejam *focados em ações voltadas para o exterior*, permitindo-nos amar os outros como amamos a nós mesmos. Ao elogiar a preocupação amorosa do jovem evangelista Timóteo para com os outros, Paulo escreveu aos cristãos de Filipos: “Porque a ninguém tenho de igual sentimento, que sinceramente cuide do vosso estado; porque todos buscam o que é seu e não o que é de Cristo Jesus” (Filipenses 2:20-21).

O papel de Satanás nessa cegueira

Outra razão importante é que as pessoas são confundidas e interpretam mal a Bíblia por causa da influência de Satanás: “O deus desta era *cegou o entendimento* dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo” (2 Coríntios 4:4, NVI). Isaías compara esta cegueira a um “véu que está posto sobre todas as nações” (Isaías 25:7, ARA).

Satanás engana a humanidade incitando ideias preconcebidas contra os princípios bíblicos. Até certo ponto ele tem, uma vez ou outra, conseguido enganar a todos nós (Apocalipse 12:9). A Palavra de Deus nos adverte que a

influência de Satanás está tão difundida que *«o mundo todo está sob o poder do Maligno»* (1 João 5:19, NVI).

A combinação de engano e ideias preconcebidas contra os caminhos de Deus tem deformado o caráter espiritual da humanidade. “Não há justo, nem um sequer”, escreveu Paulo (Romanos 3:10). “Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (versículo 23).

Paulo explica que todos têm andado “segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que, agora, opera nos filhos da desobediência; entre os quais todos nós também, antes, andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também” (Efésios 2:2-3).

Isso pode ser chocante, mas é verdade: Todos nós, inclusive você, temos sido *cegados e enganados* pela penetrante influência de Satanás. Todos nós precisamos arrepender, abandonar os nossos preconceitos pessoais e aceitar a autoridade da Bíblia. Temos de começar a lê-la com compreensão.

Tragicamente, alguém que está enganado *não sabe* que está enganado. A Bíblia descreve as ideias preconcebidas do povo contra a verdade de Deus como um endurecimento de seus corações: “Eles estão obscurecidos no entendimento e separados da vida de Deus por causa da ignorância em que estão, devido ao endurecimento do seu coração” (Efésios 4:18, NVI).

A compreensão deles é dificultada pela dureza de seus corações. É por isso que Jesus disse aos Seus seguidores: “*A vós é dado conhecer os mistérios do Reino dos céus, mas a eles não lhes é dado*” (Mateus 13:11). Jesus sabia que uma multidão de pessoas não podia realmente compreender o significado de Sua mensagem—e assim permanece até hoje.

Cristo revela por que as pessoas ficam com o coração endurecido. Quando confrontados com as verdades que não se enquadram em seus preconceitos, elas *tapam os ouvidos e fecham os olhos*. Elas endurecem seus corações optando por não compreender os assuntos que são contrários às suas próprias opiniões.

Jesus explica claramente isto: “E neles se cumpre a profecia de Isaías, que diz: Ouvindo, ouvireis, mas não compreendereis e, vendo, vereis, mas não

Mesmo que nossas ideias e crenças pareçam certas e boas para nós, devemos estar dispostos a reexaminá-las à luz das Escrituras. A menos que comparemos cuidadosamente as nossas crenças à luz da revelação de Deus na Bíblia, corremos o risco de permitir que suposições improváveis endureçam nossos corações e nos cegue para a verdade.

percebereis. Porque o coração deste povo está endurecido, e ouviu de mau grado com seus ouvidos e fechou os olhos, para que não veja com os olhos, e ouça com os ouvidos, e compreenda com o coração, e se converta, e eu o cure” (versículos 14-15).

Jesus explicou o papel enganador de Satanás ao estimular essa cegueira: “Ouvindo alguém a palavra do Reino e não a entendendo, vem o maligno e arrebatou o que foi semeado no seu coração; este é o que foi semeado ao pé do caminho” (versículo 19). Satanás age rapidamente para enganar e confundir aqueles que estão dispostos a ouvir a verdade, influenciando-os a endurecer o coração e se recusar a ouvir.

Somente Deus pode curar a cegueira espiritual

É extremamente difícil para muitas pessoas, especialmente aquelas com fortes convicções religiosas, reconhecer que podem não estar compreendendo corretamente grande parte da Bíblia.

Nossa tendência é de nos apegar ao que temos aprendido primeiro. Nós tendemos a ser preconceituosos contra qualquer coisa que tente corrigir os nossos próprios pontos de vista. Para se tornar um verdadeiro discípulo de Jesus Cristo deve-se começar com o arrependimento—reconhecer que estamos errados e *mudar nossas crenças e comportamento*. Mas, antes de nos arrepender, Deus deve abrir as nossas mentes. Ele deve nos conceder o entendimento espiritual dos nossos preconceitos, pecados e outras fraquezas.

Jesus disse que “ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, o não trazer” e “ninguém pode vir a mim, se por meu Pai lhe não for concedido” (João 6:44, 65). Precisamos da *ajuda* de Deus para mudar nossos corações.

Todos nós, em certa medida, tendemos a ser justos aos nossos próprios olhos. Nós, naturalmente, supomos que nossos próprios caminhos são bons e justos. Os escritores da Bíblia, no entanto, sabiam muito sobre isso. Eles nos avisam, por exemplo, que “há caminho que parece certo ao homem, mas no final conduz à morte” (Provérbios 14:12 e 16:25, NVI). Somente por *acreditarmos* que algo seja certo não significa realmente que *seja* certo.

Mesmo que nossas ideias e crenças pareçam certas e boas para nós, devemos estar dispostos a reexaminá-las à luz das Escrituras. A menos que comparemos cuidadosamente as nossas crenças à luz da revelação de Deus na Bíblia, corremos o risco de permitir que suposições improváveis endureçam nossos corações e nos cegue para a verdade.

Ao comparar nossas crenças com as Escrituras, devemos ter em mente que possuímos essas tendências humanas. Nossa tendência para o autoengano, juntamente com a influência excessiva e enganosa de Satanás no mundo que nos rodeia, é uma grande barreira para compreendermos a Bíblia. É muito fácil ler as nossas crenças pessoais na Palavra de Deus e ignorar as verdades bíblicas que desafiam, e podem corrigir, as nossas próprias ideias.

A cegueira obscurece o significado

Esse era um dos muitos problemas do povo judeu do primeiro século.

Eles pensavam que compreendiam as Escrituras, pois acreditavam que estavam vivendo por elas. Na realidade, entretanto, eles foram enganados por suas próprias ideias preconcebidas. Paulo explica que “seus sentidos foram endurecidos; porque até hoje o mesmo véu está por levantar . . . E até hoje, quando é lido Moisés [referindo-se à abertura dos livros da Bíblia], o véu está posto sobre o coração deles. Mas, quando se converterem [*epistrophe*, voltam para] ao Senhor, então, o véu se tirará” (2 Coríntios 3:14-16).

Paulo estava descrevendo as pessoas religiosas normais e sinceras da sua época, mas *espiritualmente cegas*, que ouviam regularmente a leitura das Sagradas Escrituras. Elas fechavam os olhos às passagens que apontavam para Jesus como o Messias. Por quê? Eles bloqueavam-nas em suas mentes, porque esse conhecimento era inaceitável para eles. Suas ideias preconcebidas controlavam seus pensamentos. Elas liam as Escrituras ou ouviam a leitura dos líderes da sinagoga, mas não percebiam o principal.

O exemplo deles é uma advertência para não se fazer a mesma coisa. Todo mundo precisa da ajuda de Deus para reconhecer e enfrentar os caminhos ou crenças que *parecem* corretas, mas contradizem a Palavra de Deus. Todos devem se voltar para Deus para receber ajuda para aceitar, compreender e aplicar as Escrituras em sua vida.

A verdadeira Igreja de Deus é composta por pessoas cujas mentes Deus tem aberto para enxergar seus próprios erros—suas más atitudes e preconceitos. Somente se estivermos dispostos a nos arrepender—se estamos inclinados a mudar os nossos pensamentos e atitudes mais íntimas, bem como nosso procedimento—poderemos nos tornar verdadeiros discípulos de Jesus Cristo.

Quando estudamos a Palavra de Deus, devemos imitar a atitude do rei Davi quando assim orou: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece as minhas inquietações. Vê se em minha conduta algo te ofende, e dirige-me pelo caminho eterno” (Salmo 139:23-24, NVI).

As nossas ideias preconcebidas geralmente são muito profundas para que consigamos arrancá-las por nós mesmos. Lembre-se, Jesus disse: “Ninguém pode vir a mim, a não ser que isto lhe seja dado pelo Pai” (João 6:65, NVI).

É preciso um *milagre* de Deus para se reconhecer corretamente algumas das nossas ideias preconcebidas profundamente enraizadas. É preciso da força de nosso Criador para estar dispostos a mudá-las. Sem a Sua ajuda, nunca poderíamos reconhecer e despertar da cegueira espiritual e ideias preconcebidas que nos separam de Deus.

Saber como Deus habilita as pessoas a superar a cegueira espiritual e virem a Cristo—como cristãos arrependidos e comprometidos—é a chave para a compreensão de como a Palavra de Deus distingue aqueles que são o povo de Deus daqueles que permanecem espiritualmente cegos.

Impotentes sem o Espírito de Deus

Deus nos adverte para não confiar em nosso próprio entendimento em

assuntos espirituais (Provérbios 3:5). Apenas com nossas habilidades naturais, somos simplesmente incapazes de compreender adequadamente muitos aspectos da Palavra de Deus. Paulo explica por que não podemos confiar em nosso próprio raciocínio: “As pessoas que têm a mente controlada pela natureza humana *se tornam inimigas de Deus*, pois não obedecem à lei de Deus e, de fato, não podem obedecer a ela . . . vivem de acordo com a sua natureza humana [e] não podem agradar a Deus” (Romanos 8:7-8, BLH). Elas não têm o poder para controlar sua natureza humana.

É por isso que tantas pessoas que leem a Bíblia não aceitarão o que ela diz. Mesmo que não reconheçam isso, elas abrigam uma hostilidade enraizada contra qualquer coisa que represente a absoluta autoridade divina sobre suas vidas.

Paulo explica que o Espírito de Deus é o único remédio para esse problema humano: “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós” (versículo 9). Somente com a compre-

A presença ou ausência do Espírito de Deus é o que determina se uma pessoa é um servo de Cristo—um verdadeiro cristão. “Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Romanos 8:9).

ensão e o poder que Deus concede através do Seu Espírito podemos ter a força de vontade espiritual para superar o domínio da nossa natureza carnal.

Sem a ajuda do Espírito de Deus, a perspectiva espiritual de uma pessoa é distorcida pelo impulso de sua natureza carnal e pela influência que Satanás exerce na formação de suas crenças e valores. Mesmo aqueles que têm certo conhecimento e compreensão dos caminhos de Deus e tentam obedecê-Lo por sua própria força (como fizeram os próprios discípulos de Jesus Cristo antes de receberem o Espírito Santo) estão severamente limitados em sua capacidade de resistir ao impulso da carne.

Jesus teve que advertir Seus discípulos: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca” (Mateus 26:41). (Ver “Os Apóstolos: Um Estudo da Conversão”, a partir da página 25).

Até depois de sua conversão, Paulo citou a si mesmo como um exemplo para explicar como a extrema fraqueza humana controla o comportamento: “Não entendo o que faço. Pois não faço o que desejo, mas o que odeio . . . Neste caso, não sou mais eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim. Sei que nada de bom habita em mim, isto é, em minha carne. Porque tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo” (Romanos 7:15, 17-18, NVI).

Mas, com a ajuda do Espírito de Deus, Paulo viu que poderia resistir com

sucesso ao impulso de sua natureza (2 Timóteo 4:7-8). Como ele explicou: “Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte” (Romanos 8:2).

Paulo apontou que, “no devido tempo, quando ainda éramos fracos, Cristo morreu pelos ímpios” (Romanos 5:6, NIV). Sua morte tornou possível sermos perdoados de nossos pecados e receber o Espírito Santo—dando-nos o poder espiritual de Deus que precisamos para combater a fraqueza da nossa carne (Atos 1:8; 2:38; 2 Timóteo 1: 7).

A transformação espiritual

A Igreja de Deus é composta de pessoas que são espiritualmente transformadas pelo poder do Espírito de Deus. Aqui está como Paulo resume tudo: “Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis. Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus” (Romanos 8:13-14).

Este poder de Deus muda drasticamente a equação humana. Seu Espírito transforma a vida de uma pessoa. Ele nos permite substituir o impulso da natureza humana e viver como Deus ordena. O Espírito de Deus é o componente mais importante na vida de um cristão.

A presença ou ausência do Espírito de Deus é o que determina se uma pessoa é um servo de Cristo—um verdadeiro cristão. “Mas, *se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele*” (Romanos 8:9).

Aqueles que receberam o Espírito de Deus constituem o corpo espiritual que é a Igreja fundada por Jesus: “Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito” (1 Coríntios 12:13, NVI).

O Espírito de Deus providencia um grande poder

Através do Espírito Santo, Deus Pai e Jesus Cristo fornece a energia para os verdadeiros cristãos realizarem as boas obras—produzir frutos—que se espera deles. “Seu divino poder nos deu tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade, por meio do pleno conhecimento daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude” (2 Pedro 1:3, NVI).

Jesus prometeu que o Espírito Santo nos guiaria “a toda a verdade” (João 16:13) para que possamos saber como servir a Deus segundo a Sua vontade. Seu Espírito faz com que seja possível para que “cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (Efésios 4:15).

Paulo diz que Deus habita em nós através do Seu Espírito: “Nele você também está sendo edificado conjuntamente, para se tornarem morada de Deus por seu Espírito” (Efésios 2:22, NVI). O Espírito Santo é a presença direta e o poder de Deus operando em Seu povo. Paulo admoesta aos cristãos: “Ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor, pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele” (Filipenses 2:12-13, NVI).

O Espírito de Deus conduz à obediência

A transformação do povo de Deus através de Seu Espírito é uma transformação do coração, no mais íntimo do ser. Em vez de um coração endurecido e hostil às leis de Deus, eles ganham um espírito obediente porque Deus opera neles; Ele habita neles (1 João 3:24).

A presença da vontade de obedecer é tão importante para definir um cristão que o apóstolo João afirma categoricamente: “Aquele que diz: ‘Eu o conheço’, mas não obedece aos seus mandamentos, é mentiroso, e a verdade não está nele. Mas, se alguém obedece à sua palavra, nele verdadeiramente o amor de Deus está aperfeiçoado. Desta forma sabemos que estamos nele: aquele que afirma que permanece nele, deve andar como ele andou” (1 João 2:4-6, NVI). Sem dúvida, este é um modo simples de falar.

Jesus enfatiza que aqueles que não receberam esse espírito obediente de Deus reagem aos Seus mandamentos de maneira muito diferente: “Bem profetizou Isaías acerca de vocês, hipócritas; como está escrito: ‘Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me adoram; seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens’. Vocês negligenciam os mandamentos de Deus e se apegam às tradições dos homens” (Marcos 7:6-8, NVI).

Qualquer um que não tenha um espírito obediente ajusta os mandamentos de Deus para acomodar à sua própria natureza e raciocínio. Jesus continua: “Vocês estão sempre encontrando uma boa maneira de pôr de lado os mandamentos de Deus, a fim de obedecerem às suas tradições! Pois Moisés disse: ‘Honra teu pai e tua mãe’ e ‘Quem amaldiçoar seu pai ou sua mãe terá que ser executado’. Mas vocês afirmam que se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: ‘Qualquer ajuda que vocês poderiam receber de mim é Corbã’, isto é, uma oferta dedicada a Deus, vocês o desobrigam de qualquer dever para com seu pai ou sua mãe. Assim vocês anulam a palavra de Deus, por meio da tradição que vocês mesmos transmitiram. E fazem muitas coisas como essa” (versículos 9-13, NVI).

Aqueles que não têm o Espírito de Deus encontram um jeito fácil e conveniente de ignorar as instruções bíblicas que não lhes agrada. Eles inventam suas próprias tradições, mostrando uma *aparência* de obediência e honra a Deus enquanto se desviam da intenção de Suas instruções. Jesus disse que tal adoração é *em vão*—inútil e vazia (versículo 7). Essas pessoas têm olhos que não podem ver e ouvidos que não podem ouvir (Romanos 11:8).

O Espírito de Deus, porém, muda drasticamente a atitude, a visão e o espírito de Seu povo. O Seu povo passa sinceramente a desejar obedecer a Deus, e Deus dá-lhes uma atitude humilde e obediente, e os aproxima dEle e de Sua Palavra. Eles podem, com inteireza de coração e fidelidade, obedecer aos Seus mandamentos (Apocalipse 12:17). Pois, eles têm recebido dEle o poder do Espírito Santo para combater a Satanás e a própria natureza deles.

Em suma, eles são o povo especial e transformado de Deus.

Os Apóstolos: Um Estudo da Conversão

Avinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes (Atos 2:1-4) transformou os apóstolos de Jesus Cristo de um grupo de homens comuns em alguns dos mais notáveis e dinâmicos líderes que o mundo já conheceu. Para apreciar a magnitude de sua transformação, precisamos dar uma olhada nesses homens antes de receberem o Espírito de Deus.

Os quatro Evangelhos—Mateus, Marcos, Lucas e João—nos fornecem uma verdadeira visão de suas vidas. Nós não vemos nenhuma indicação de que qualquer um dos doze apóstolos tenham tido uma educação excepcional ou qualquer posição de influência. Eles eram homens comuns, considerados “homens sem letras e indoutos” pelos governantes e autoridades religiosas da época (Atos 4:13).

Mateus era um coletor de impostos, membro de uma das profissões mais desprezadas de sua época (Mateus 9:9; 18:17). Pedro, seu irmão André e outros dois irmãos, Tiago e João, eram sócios em uma modesta empresa de pesca (Mateus 4:18-22, Lucas 5:1-10). Junto com Filipe, viviam na cidade de Betsaida, na província do norte da Galileia (João 1:44). A única coisa especial a respeito deles é que eram discípulos—alunos e seguidores—de Jesus Cristo.

Ainda mais impressionante é a falta de compreensão espiritual durante o tempo de treinamento deles. Suas mentes ainda eram controladas por sua natureza carnal. O pensamento e comportamento deles eram “carnais”—isto é, da carne (Romanos 8:5-7). Jesus os repreendeu por sua falta de fé e dureza de coração (Marcos 16:14).

As atitudes e comportamentos deles durante esse tempo mostram que mesmo vivendo na presença de Jesus Cristo, enquanto Ele estava na terra,—pessoalmente ouvindo-O ensinar e vendo Seu exemplo—não era o suficiente para transformar o pensamento deles, de carnal para espiritual.

Jesus repreendeu severamente a Tiago e João por sua atitude quanto a alguns que tinham rejeitado a Jesus: “Mas [os samaritanos] não o receberam . . . E os discípulos Tiago e João, vendo isso, disseram: Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez? Voltando-se, porém, repreendeu-os e disse: Vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las” (Lucas 9:53-56). Porém, João viria a ser conhecido como “o apóstolo do amor”—uma grande reviravolta para um homem que havia sugerido destruir toda uma aldeia!

Os discípulos eram egoístas. Eles discutiam entre si sobre quem seria o maior (Marcos 9:33-34, Lucas 22:24). Tiago e João, juntamente com sua mãe, até tentaram ludibriar a Jesus para lhes atribuir as duas posições mais importantes no Seu Reino (Marcos 10:35-37, Mateus 20:20-21).

Como qualquer outra pessoa, cada um dos discípulos superestimava sua fidelidade e lealdade a Cristo. “E disse-lhes Jesus: Todos vós esta noite vos escandalizareis em mim, porque escrito está: Ferirei o pastor, e as ovelhas se dispersarão . . . E disse-lhe Pedro: Ainda que todos se escandalizem, nunca, porém, eu. E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje, nesta noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes me negarás. Mas ele disse com mais veemência: Ainda que me seja necessário morrer contigo, de modo nenhum te negarei. E da mesma maneira diziam todos também” (Marcos 14:27-31).

Enquanto falavam essas palavras, os discípulos acreditaram que seriam leais e que fariam o que tinham dito. No entanto, em questão de horas todos eles abandonaram Jesus e O deixaram sofrer sozinho (Marcos 14:50). Além disso, Pedro praguejou e jurou que nunca tinha conhecido a Jesus (Mateus 26:69-75, Lucas 22:54-62).

Depois que Jesus ressuscitou, Ele apareceu aos seus discípulos reunidos, com exceção de Tomé, que não estava presente. Ao ouvir sobre isso, Tomé não acreditou e ainda comentou, “Se eu não vi os sinais dos cravos em suas mãos, e não puser o dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei” (João 20:25). Jesus apareceu mais tarde e mostrou a Tomé a prova exata que ele havia pedido (versículos 26-29).

E algum tempo depois, Pedro e seis outros apóstolos decidiram que era hora de retomar o trabalho anterior como pescadores (João 21:2-3). Eles realmente tinham se encontrado com o Cristo ressuscitado, mas a perspectiva limitada deles ainda estava cega para o significado das palavras de Jesus e Seu propósito para eles. Essa mesma cegueira acomete todos os seres humanos, até que Deus abra o seu entendimento para ver o que Ele realmente diz em Sua Palavra.

Esses foram os homens que Jesus escolheu para levar o Seu evangelho a todas as nações. Ainda não tinham recebido o Espírito de Deus. Eles eram tão impotentes como qualquer outro ser humano seria para cumprir as suas intenções e compromissos, e servir fielmente o seu Salvador. Era impossível para eles serem os servos especiais de Cristo por sua própria força.

Agora podemos compreender a observação de Jesus, quando seus discípulos lhe perguntaram: “Quem poderá, pois, salvar-se?” Sua resposta: “Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível” (Mateus 19:25-26).

A Responsabilidade e a Missão da Igreja

“Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura” (Marcos 16:15). “Portanto, ide, ensinai todas as nações . . . ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos” (Mateus 28:19-20).

Jesus Cristo deu à Sua Igreja uma responsabilidade e uma missão específica em cumprimento de Seu plano. O que isso implica? Alguns, por entender mal o plano global de Deus, também não compreendem o que a Igreja está fazendo. Qual é a missão especial da Igreja?

Jesus Cristo entregou à Sua Igreja—esse corpo de crentes espiritualmente transformado—a responsabilidade de realizar essa tarefa. A missão da Igreja é pregar o evangelho do Reino de Deus e fazer discípulos em todo o mundo, ensinando-lhes exatamente o que Jesus ensinou (Marcos 16:15, Mateus 24:14; 28:19-20).

O trabalho da Igreja continua, pois não cessou quando os primeiros discípulos morreram. No início, a obra dos apóstolos, a missão da Igreja, foi passada a cada geração do povo de Deus. Jesus prometeu estar com seus seguidores conforme eles realizam essa obra até que Ele retorne no final da era (versículo 20).

Veja a finalidade para a qual Jesus Cristo enviou o apóstolo Paulo às pessoas no mundo: “Para lhes abrires os olhos e das trevas os converteres à luz e do poder de Satanás a Deus, a fim de que recebam a remissão dos pecados, e herança entre os que são santificados pela fé em mim” (Atos 26:18, ACF).

Paulo também disse: “Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê” (Romanos 1:16). O evangelho é a mensagem de Deus de como a salvação será trazida para a humanidade—começando com Sua Igreja.

A Igreja desempenha muitos papéis ao trazer a salvação para o mundo. Ergue-se como a luz do mundo (Mateus 5:14). É a casa ou família de Deus (Efésios 2:19; 1 Pedro 4:17, NVI). É a mãe que nutre os filhos e filhas de Deus (Gálatas 4:26). Ela atua como a “coluna e firmeza da verdade” em um mundo espiritualmente confuso (1 Timóteo 3:15).

Vamos olhar para as responsabilidades multifacetadas que Cristo deu à Sua Igreja, o Seu povo especial.

A Igreja tem que salvar o mundo?

Paulo descreve a responsabilidade da Igreja como “o ministério da reconciliação”, porque “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo,

não lhes imputando os seus pecados, e pôs em nós a palavra da reconciliação” (2 Coríntios 5:18-19).

O propósito final de Deus é juntar—reconciliar—toda a humanidade para Si mesmo. A Igreja desempenha um papel importante nesse nobre esforço. Deus a comissionou para pregar como vai ocorrer essa reconciliação. E para batizar aqueles que acreditem nessa mensagem.

Quando acontecerá essa reconciliação? Um equívoco comum é o de que Jesus comissionou a Sua Igreja para salvar o mundo nesta época atual. Mas não é isso que a Bíblia ensina e não é o que Paulo queria dizer em 2 Coríntios 5.

O ministério da reconciliação da Igreja é apenas o começo de uma fase muito maior do plano de Deus para reconciliar o mundo consigo mesmo através de Jesus Cristo.

Deus comissionou a Igreja para proclamar a salvação para as nações. Mas *proclamar* o ensinamento de Jesus sobre a salvação é muito diferente de *levar* a humanidade à salvação. O último exigirá trazer o mundo inteiro para o arrependimento e à conversão. Somente Jesus Cristo pode converter o mundo; essa tarefa terá que esperar até que Ele retorne.

Por que Cristo deve levar Israel ao arrependimento?

Ao Seu retorno Cristo iniciará a reconciliação do mundo com Deus trazendo os descendentes de Jacó—Israel—ao arrependimento.

Naquela época, Paulo explica que “todo o Israel será salvo”. Como? “De Sião virá o Libertador [Cristo], e desviará de Jacó as impiedades” (Romanos 11:26).

Então, assim quando o povo restaurado de Israel aprender a obediência como uma nação, muitos povos virão e dirão, de acordo com o livro de Isaías: “‘Venham, subamos ao monte do Senhor, ao templo do Deus de Jacó, para que ele nos ensine os seus caminhos, e assim andemos em suas veredas’. Pois a lei sairá de Sião, de Jerusalém virá a palavra do Senhor” (Isaías 2:3, NVI).

E Zacarias nos diz: “Naquele dia, sucederá que pegarão dez homens, de todas as línguas das nações, pegarão, sim, na orla da veste de um judeu, dizendo: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco” (Zacarias 8:23).

A humanidade vai começar a perceber que a lei que Deus deu a antiga Israel *ainda deve ser observada*. A humanidade vai se livrar de suas ideias preconcebidas e até mesmo começará a *guardar* as festas bíblicas, que Deus deu a Israel antiga (listada na íntegra em Levítico 23).

Aqueles que continuarem impenitentes em breve terão que enfrentar circunstâncias extremamente graves porque Deus irá humilhá-los impedindo que venha a chuva sobre suas plantações até que mudem de atitude: “Todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorar o Rei, o SENHOR dos Exércitos, e para celebrar a Festa dos Tabernáculos [um dos festivais bíblicos]. Se alguma das famílias da terra não

subir a Jerusalém, para adorar o Rei, o SENHOR dos Exércitos, não virá sobre ela a chuva” (Zacarias 14:16-17, ARA).

Visto que Cristo conhece a natureza humana, Ele fará o que for necessário naquele momento para mudar o pensamento das pessoas—para trazê-las ao arrependimento. Mas isso só deve ocorrer no futuro, depois que Ele retornar.

Apesar de que a Igreja esteja proclamando uma mensagem ao mundo que inclui o chamado ao arrependimento, a Escritura nos diz que relativamente poucas pessoas realmente vão se arrepender antes da volta de Cristo. Portanto, trazer o mundo para o arrependimento não é papel da Igreja nesta época.

Um grupo pequeno: A luz do mundo

Ao contrário, Jesus disse aos Seus discípulos: “No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (João 16:33). Ele também disse: “Se o mundo vos aborrece, sabeis que, primeiro do que a vós, me aborreceu a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu, mas, porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos aborrece” (João 15:18-19).

O povo de Deus nunca foi uma força popular ou poderosa. Jesus descreve a sua sorte na vida: “Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; E porque *estreita é a porta, e apertado, o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem*” (Mateus 7:13-14).

Sim, apenas alguns estão dispostos a seguir todos os ensinamentos de Jesus Cristo quando os ouve e compreende-os. Assim, Jesus confortou Seus discípulos: “Não temas, ó pequeno rebanho, porque a vossa Pai agradeu dar-vos o Reino” (Lucas 12:32). Deus revela que Seu povo seria um *pequeno* rebanho nesta época. Ele está chamando *apenas alguns* para serem exemplos vivos do Seu modo de vida para o resto do mundo.

Jesus diz aos seus verdadeiros discípulos: “Vós sois a luz do mundo . . . Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus” (Mateus 5:14-16).

Deus comissionou a Igreja a dar o exemplo de Seu modo de vida para o mundo. Deus está expondo os Seus caminhos para humanidade através da Igreja. Pedro exorta aos membros da Igreja: “A conduta de vocês entre os pagãos deve ser boa, para que, quando eles os acusarem de criminosos, tenham de reconhecer que vocês praticam boas ações, e assim louvem a Deus no dia da Sua vinda” (1 Pedro 2:12, BLH).

A Igreja: Primícias de Deus

Durante o “presente século mau” (Gálatas 1:4), a Igreja de Deus consiste somente da primeira e pequena parte da grande colheita de pessoas para a vida eterna que Deus fará.

Tiago chama os cristãos “como que primícias das suas criaturas” (Tiago 1:18, ARA). E que são “os que foram redimidos dentre os homens, primícias

para Deus e para o Cordeiro” (Apocalipse 14:4, ARA).

O uso bíblico do termo *primícias* foi prontamente compreendido pelos membros da Igreja primitiva. “Em reconhecimento ao fato de que todos os produtos da terra vieram de Deus, e [em] gratidão por Sua bondade, os israelitas traziam como oferenda a Ele uma parte dos frutos que primeiro amadureceram, sendo estes vistos como uma garantia da próxima colheita” (*Dicionário Bíblico Ilustrado Zondervan*, 1967, “Primícias”).

As primícias eram a primeira parte da colheita que os israelitas separavam para Deus. Depois as juntavam e dedicavam-nas ao seu Criador, então colhiam o resto da plantação. Os apóstolos e outros membros da Igreja primitiva entenderam que, como primícias, a Igreja é a *primeira parte* da colheita de Deus, entre os seres humanos, para a salvação. A grandíssima parcela dessa colheita somente ocorrerá *depois* do retorno de Jesus Cristo.

Aqueles a quem Deus chama nesta época irão participar da salvação do mundo—mas não nesta época e não como seres humanos. No retorno de Jesus Cristo, eles serão totalmente transformados *em seres espirituais imortais*.

Deus vai ressuscitá-los para a vida eterna como as primícias de Sua colheita, recebendo a imortalidade na volta de Cristo (1 Coríntios 15:20-23, 51-53). Eles, então, servirão como reis e sacerdotes no Reino de Deus (Apocalipse 5:10).

Como filhos de Deus, ressuscitados e imortais, eles vão auxiliar a Cristo a ensinar ao mundo o caminho de obediência a Deus por mil anos: “Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele mil anos” (Apocalipse 20:6). A ressurreição desses servos fiéis de Jesus Cristo para a vida eterna no início desses mil anos é apenas a *primeira* ressurreição (versículos 4, 6).

Todos os mortos serão ressuscitados

No fim dos mil anos, Deus vai ressuscitar todos os outros que já viveram ao longo da história humana para virem diante dEle em julgamento (Apocalipse 20:11-12). Isso é muito maior do que a primeira ressurreição, pois é a ressurreição do “restante dos mortos” (versículo 5, ARA). Naquela época, Deus vai levantar do túmulo pessoas de todas as nações, juntamente com o povo de Israel—todos ressuscitarão juntos (Mateus 11:20-24; 12:41-42).

“Não vos maravilheis disso”, disse Jesus, “porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação [ou melhor, *julgamento* (*juízo*), como traduzem outras versões]” (João 5:28-29).

Aqueles que se levantem nessa ampla ressurreição—a ressurreição do julgamento—viverão novamente como seres humanos mortais, de carne e sangue (comparar Ezequiel 37:1-10). Em seguida, eles vão aprender os caminhos de Deus, reconhecendo seus pecados e recebendo o Seu Espírito. A partir daí

também poderão receber a imortalidade.

Ezequiel descreve a ressurreição de todo o povo de Israel naquela época: “Assim diz o SENHOR Deus: Eis que abrirei a vossa sepultura . . . Porei em vós o meu Espírito, e vivereis, e vos estabalecerei na vossa própria terra. Então, sabereis que eu, o SENHOR, disse isto e o fiz, diz o SENHOR” (versículos 12-14). (Para mais informações sobre este assunto vital, baixe ou solicite nosso livro gratuito *O Que Acontece Depois da Morte?*)

Os cristãos são as primícias dos redimidos. Eles vivem em um mundo enganado e devem se esforçar para serem “irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo” (Filipenses 2:15, ARA).

A Igreja: O Corpo de Cristo

Já vimos que Jesus Cristo disse aos Seus discípulos para ir por todo o mundo, fazendo discípulos em todas as nações e ensinando-os o caminho de vida de Deus. Isso conduz à cooperação e organização. Para descrever efetivamente o funcionamento organizado do povo de Deus, os apóstolos usaram a analogia do corpo humano.

“Ora, vocês são o corpo de Cristo, e cada um de vocês, individualmente, é membro desse corpo. Assim, na igreja, Deus estabeleceu primeiramente apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois os que realizam milagres, os que têm dons de curar, os que têm dom de prestar ajuda, os que têm dons de administração e os que falam diversas línguas [idiomas]” (1 Coríntios 12:27-28, NVI).

Dirigindo os trabalhos da Igreja, como seu Chefe vivente está Jesus Cristo (Colossenses 1:18). Para enfatizar o quanto a Igreja é dependente de Sua liderança e inspiração, Jesus se compara a uma videira: “Eu sou a videira, vós, as varas; quem está em mim, e eu nele, este dá muito fruto, porque sem mim nada podereis fazer” (João 15:5). O sucesso da Igreja depende do poder e da inspiração que recebe de Jesus Cristo.

As funções dentro do Corpo de Cristo são estabelecidas por Ele “com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado” (Efésios 4:11-12, NVI).

Paulo nos diz que “há diferentes tipos de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diferentes tipos de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diferentes formas de atuação, mas é o mesmo Deus quem efetua tudo em todos” (1 Coríntios 12:4-6, NVI).

A liderança espiritual na Igreja

Entre os dons que Cristo dá a Sua Igreja estão os dons da liderança espiritual—apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres (Efésios 4:11). Eles estão com a responsabilidade de pregar o evangelho e de ensinar, alimentar, proteger e edificar a Igreja. O caráter divino e exemplar são qualificações espirituais essenciais àqueles encarregados da liderança espiritual (1 Timóteo 3:1-10, Tito 1:5-9).

Estes têm que estar pastoreando amorosamente o rebanho de Deus (João 21:15-17) para que todos os membros deste corpo espiritual possam chegar “à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” (Efésios 4:13).

Eles devem guiar o povo de Deus para que possam trabalhar juntos em unidade—amando, respeitando e apoiando uns aos outros: “Mas Deus estruturou o corpo dando maior honra aos membros que dela tinham falta, a fim de que não haja divisão no corpo, mas, sim, que todos os membros tenham igual cuidado uns pelos outros” (1 Coríntios 12:24-25, NVI).

Aqueles que são guiados por Jesus Cristo reconhecem um Espírito comum a todos—o próprio Espírito de Deus, que os torna o povo de Deus. E que os levaria a trabalhar juntos em unidade para realizar a missão que Cristo deu à Igreja e Seu ministério de pregação do evangelho para o mundo, e para ajudar no crescimento e no desenvolvimento espiritual daqueles que se tornam crentes.

A Igreja fundada por Jesus é esse corpo especial de pessoas que, guiados pelo Espírito Santo, obedecem aos mandamentos de Deus e estão zelosamente empenhados em cumprir a comissão dada por Jesus.

Qual é o Verdadeiro Evangelho?

Qual foi a mensagem de Jesus Cristo? Ele pregou “o evangelho do reino de Deus” (Mateus 4:23, 9:35, Marcos 1:14-15).

A palavra portuguesa *evangelho*, significa “boas notícias” ou “boa nova”. A boa nova foi a peça central de Sua mensagem. Ele definiu Sua missão com estas palavras: “É necessário que eu anuncie . . . o evangelho do Reino de Deus, porque para isso fui enviado” (Lucas 4:43).

O que Ele ordenou que Seus discípulos ensinassem? “E enviou-os a pregar o Reino de Deus . . .” (Lucas 9:2, 6).

O que significa essa mensagem e por que é tão boa notícia?

Quando Jesus ensinou sobre o Reino de Deus (Lucas 8:1; 9:11; 12:31, 13:18), Ele estava simplesmente continuando as mensagens dos profetas hebreus, cujas palavras estão registradas no Antigo Testamento. Séculos antes Deus havia inspirado a homens fiéis como Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel e Zacarias para olharem além das dificuldades e da destruição dos reinos de Israel e Judá, para um futuro magnífico quando Deus vai estabelecer o Seu reino de domínio mundial na terra sob o reinado do Messias.

Observe algumas de suas profecias descrevendo essa época maravilhosa que está por vir:

“E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho de leão, e a nédia ovelha viverão juntos, e um menino pequeno os guiará” (Isaías 11:6).

“Não se fará mal nem dano algum em todo o monte da minha santidade, porque a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar. E acontecerá, naquele dia, que as nações perguntarão pela raiz de Jessé, posta por pendão dos povos, e o lugar do seu repouso será glorioso” (versículos 9-10).

“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem; e dirigiu-se ao Ancião de dias, e o fizeram chegar até ele. E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino, o único que não será destruído” (Daniel 7:13-14).

“E o SENHOR sairá . . . E, naquele dia, estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; e o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande . . . então, virá o SENHOR, meu Deus, e todos os santos contigo . . . E o SENHOR será rei sobre toda a terra” (Zacarias 14:3-5, 9).

Jesus Cristo e seus apóstolos falavam desse mesmo governo mundial, que Ele chamou o “Reino de Deus”. Em Lucas 21, depois de descrever uma série de tendências e eventos sem paralelo na história, Ele concluiu: “Ora, quando essas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai a vossa cabeça, porque a vossa redenção está próxima . . . quando virdes acontecer essas coisas, *sabei que o Reino de Deus está perto*” (versículos 28-31).

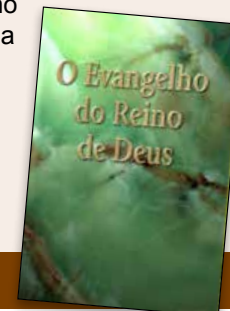
Os antigos profetas, Jesus e seus apóstolos todos falavam de um reino literal que irá substituir os governos do mundo. Quando essas profecias se tornarem uma realidade, um grito triunfante soará: “Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre” (Apocalipse 11:15).

Infelizmente, essa mensagem raramente é compreendida e ensinada nas igrejas. Muitos têm aceitado “outro evangelho” (Gálatas 1:6) que distorce e obscurece essa verdade bíblica vital. Você vai ler no próximo capítulo como esse “outro evangelho” (versículos 8-9), como Paulo o rotula, evoluiu e se espalhou pelo mundo.

No entanto, você pode descobrir por si mesmo o significado completo do evangelho, a boa notícia incrível—que Jesus Cristo e os apóstolos pregaram. E esse mesmo evangelho é fielmente pregado pela Igreja de Deus Unida (Mateus 24:14).

Para uma completa explicação sobre o verdadeiro evangelho, procure pedir ou baixar sua cópia gratuita do livro
“O Evangelho do Reino de Deus”.

<http://portugues.ucg.org/estudos>



Hoje é o Único Dia de Salvação?

A nossa presente era é o único tempo no qual as pessoas podem se arrepender e serem salvas?

Algumas pessoas presumem que foi isso que o apóstolo Paulo quis dizer quando escreveu essa mensagem: “Como cooperadores de Deus, insistimos com vocês para não receberem em vão a graça de Deus. Pois ele diz: “Eu o ouvi no tempo favorável e o socorri no dia da salvação”. Digo-lhes que agora é o tempo favorável, agora é o dia da salvação” (2 Coríntios 6:1-2, NVI).

Paulo sabia exatamente o queria dizer. Mas não deixe de observar o que Paulo *não* disse. Ele não disse que hoje é o único dia de salvação, nem foi essa a intenção dele.

No original grego não há o limitador antes da frase “dia da salvação” nesse versículo. A maioria das traduções tem acrescentado

Paulo sabia exatamente o queria dizer. Mas não deixa de observar o que Paulo não disse. Ele não disse que hoje é o único dia de salvação, nem foi essa a intenção dele.

artigo o antes de dia em uma tentativa de esclarecer as palavras de Paulo, mas ao fazê-lo, inadvertidamente, levam muitos a incompreensão do texto. A *Bíblia Viva* traduz assim o versículo 2: “Deus diz: “Seu clamor chegou a mim numa época favorável, quando as portas do acolhimento estavam bem abertas. Eu ajudei a você *num dia* quando a salvação

estava sendo oferecida”. Agora mesmo Deus está pronto a dar-lhes acolhida. Hoje Ele está pronto a salvá-los”.

Para aqueles que estão na Igreja nesta época, agora é o dia da salvação deles. Deus está chamando-os agora. A salvação está disponível hoje para quem esteja disposto a se arrepender. Isso é o que Paulo queria dizer. O artigo “o” poderia até caber neste contexto—referindo-se ao dia da salvação daqueles que Deus está chamando neste tempo, agora.

Mas Paulo não disse nem concluiu que a salvação estava disponível *somente* naquela época. O dia da salvação para o resto do mundo ainda está no futuro. Paulo, de nenhuma maneira se contradiz nas muitas passagens bíblicas que mostram que o mundo em geral terá a oportunidade de salvação em épocas ainda por vir.

O Surgimento de um Falso Cristianismo

“Acautelai-vos, que ninguém vos engane, porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos” (Mateus 24:4-5).

Cristo deu uma advertência nefasta—de que muitos viriam em Seu nome, ensinariam uma mensagem diferente e enganarão a muitos. Eles iriam criar uma imitação do verdadeiro Cristianismo, iniciando uma religião que em grande parte suplantaria a verdadeira Igreja.

Jesus Cristo disse para Seus apóstolos fazerem discípulos em todas as nações, batizando-os em Seu nome. A maioria das pessoas que está familiarizada com a Bíblia percebe que os apóstolos abraçaram zelosamente essa missão. Seus convertidos foram, pela primeira vez, chamados de cristãos na cidade de Antioquia (Atos 11:26). Ao longo dos séculos, um grande número de pessoas nasceram, ou se converteram, dentro das centenas de denominações que viriam a ser conhecidas, coletivamente, como “Cristianismo”—a ponto que se tornar, e continua sendo, uma das religiões mais populares e dominantes do mundo.

As pessoas presumem que todos, ou pelo menos quase todos, que carregam o nome de cristãos sigam as crenças, ensinamentos e práticas de Jesus Cristo. Mas a Bíblia nos diz que nem todo mundo que aceita o nome de Cristo é realmente um cristão!

Jesus predisse que alguns clamariam Seu nome, mas O negariam por suas ações. Ele disse que O chamaria de “Senhor, Senhor”, mas não fariam o que Ele manda (Lucas 6:46).

Cristo e seus apóstolos falavam sobre *os falsos profetas, falsos apóstolos e falsos irmãos*. Eles revelaram que duas religiões opostas iriam surgir; ambas reivindicando cristãs. Uma—a verdadeira Igreja fundada por Jesus—seria guiada pelo Espírito de Deus e permaneceria fiel aos Seus ensinamentos. A outra—guiada e influenciada por um espírito diferente—aceitaria o *nome* de Cristo, mas iria distorcer Seus ensinamentos para criar uma falsificação convincente da verdadeira Igreja de Deus.

Ambas usariam o nome de Cristo e reivindicariam Sua autoridade. Ambas iriam realizar obras que realmente pareceriam boas e corretas. E, ambas clamariam seguir os ensinamentos verdadeiros de Cristo. Mas apenas uma poderia representar fielmente o Seu fundador, Jesus Cristo. A outra cativaria as mentes e corações dos seres humanos, associando o nome de Cristo a costumes religiosos e doutrinas, sem base bíblica, que Jesus e seus apóstolos nunca praticaram nem aprovaram.

Várias vezes, os apóstolos alertaram para que os seguidores de Jesus

tivessem cuidado com os falsos mestres que iriam introduzir falsas crenças cristãs. O próprio Jesus advertiu: “Acautelai-vos, que ninguém vos engane. Porque *muitos virão em meu nome . . . e enganarão a muitos*” (Mateus 24:4-5).

O Novo Testamento apresenta um esboço conciso das raízes históricas dessas duas religiões que professam ser cristãs—uma verdadeira e a outra falsa. Os apóstolos de Cristo descreveram a origem e as características fundamentais de cada uma.

Nós já examinamos a descrição dos apóstolos sobre a Igreja fundada por Jesus. Agora vamos analisar o registro deixado por outra religião supostamente cristã—a qual iria deturpar e corromper a verdade e se desenvolveria até se tornar muito mais poderosa e influente que a pequena Igreja que Jesus havia prometido nunca morrer.

Ensinando as tradições dos homens

Qual é a origem dos ensinamentos e práticas da maioria das igrejas? A maioria de seus membros presume que se originam da Bíblia ou do próprio Jesus Cristo. Mas será que é mesmo?

Jesus ordenou aos Seus apóstolos que ensinassem aos outros exatamente o que Ele tinha ensinado—“ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei” (Mateus 28:20, NVI). Ele condenou a substituição dos mandamentos de Deus pela tradição e arrazoamento humano. Ao falar aos fariseus, líderes religiosos judeus de Seus dias, Ele disse: “Porque, deixando o mandamento de Deus, retendes a tradição dos homens . . . Bem invalidais o mandamento de Deus para guardardes a vossa tradição” (Marcos 7:8-9).

Jesus ensinou que a Sua Igreja deve guardar os mandamentos de Deus: “Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos” (Mateus 19:17). Ele advertiu: “muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor, não profetizamos [pregamos] nós em teu nome? E, em teu nome, não expulsamos demônios? E, em teu nome, não fizemos muitas maravilhas? E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, *vós que praticais a iniquidade*” (Mateus 7:22-23). Ele sabia que falsos mestres se levantariam para rejeitar os mandamentos de Deus com um evangelho distorcido e sem lei—de iniquidade!

Como Jesus, os apóstolos enfaticamente ensinaram a obedecer a Deus. Pedro e os outros apóstolos arriscaram suas vidas para deixar claro que “importa obedecer a Deus do que aos homens” (Atos 5:29). Paulo expressou o mesmo compromisso que compartilhava com os outros apóstolos—de uma vida de obediência. “Por meio dele [Cristo] e por causa do seu nome, recebemos graça e apostolado para chamar dentre todas as nações um povo para a *obediência que vem pela fé*” (Romanos 1:5, NVI).

Paulo mais tarde alertou aos membros da congregação em Colossos para conservar o que ele lhes havia ensinado: “Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai nele, arraigados e edificados nele e confirmados na fé, assim como fostes ensinados, crescendo em ação de

graças” (Colossenses 2:6-7).

Seguindo o exemplo de Cristo, Paulo advertiu aos colossenses para não aceitar as tradições como substitutos dos mandamentos de Deus: “Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo e não segundo Cristo” (Colossenses 2:8; comparar Marcos 7:8-9, 13).

Por que Jesus Cristo e os apóstolos emitiram esses avisos urgentes de evitar as tradições dos homens?

A rebeldia de dentro da Igreja

Enquanto os apóstolos ainda se esforçavam para estabelecer mais congregações de crentes entre as nações, surgiu um fenômeno, que, eventualmente, produziria uma religião cristã alternativa e superficial—mas seria uma muito diferente da Igreja que Jesus e seus apóstolos estabeleceram.

As novas e diferentes doutrinas foram introduzidas sutilmente. Alguns começaram a subverter a Igreja, desafiando e contradizendo os ensinamentos dos apóstolos de Cristo. Paulo advertiu: “Porque há muitos desordenados, faladores, vãos e enganadores, principalmente os da circuncisão, aos quais convém tapar a boca; homens que transtornam casas inteiras, ensinando o que não convém, por torpe ganância” (Tito 1:10-11).

Para contrapor a esta tendência, Paulo instruiu ao companheiro e presbítero Tito a analisar cuidadosamente o conhecimento e o caráter de alguém antes de



Jesus ensinou que a Sua Igreja deve guardar os mandamentos de Deus. Ele sabia que falsos mestres se levantariam para rejeitar os mandamentos de Deus com um evangelho distorcido e sem lei—de iniquidade!

considerar sua ordenação: “Por ser encarregado da obra de Deus, é necessário que o bispo seja irrepreensível . . . e apegue-se firmemente à mensagem fiel, da maneira como foi ensinada, para que seja capaz de encorajar outros pela sã doutrina e de refutar os que se opõem a ela” (versículos 7, 9, NVI).

Cada vez mais, “falsos apóstolos” começaram a contradizer e minar os ensinamentos dos verdadeiros apóstolos de Cristo. Paulo advertiu a igreja em Roma: “Recomendo-lhes, irmãos, que tomem cuidado com aqueles que causam divisões e colocam obstáculos ao ensino que vocês têm recebido. Afastem-se deles. Pois essas pessoas não estão servindo a Cristo, nosso Senhor, mas a seus próprios apetites. Mediante palavras suaves e

bajulação, enganam o coração dos ingênuos. Todos têm ouvido falar da obediência de vocês, por isso estou muito alegre; mas quero que sejam sábios em relação ao que é bom, e sem malícia em relação ao que é mau” (Romanos 16:17-19, NVI).

Os líderes religiosos oponentes, disfarçados como se fossem ministros de Cristo, começaram a ensinar suas próprias doutrinas falsas “em oposição aos” apóstolos de Cristo e outros de Seus servos fiéis. No início, eles eram predominantemente de origem judaica. Mas então surgiram os falsos mestres de pessoas de outras origens no seio da Igreja. As doutrinas subversivas que viriam a ser as mais influentes eram uma mistura equivocada de filosofias judaicas e pagãs sintetizada com o misticismo popular da época.

Simão Mago foi um desses falsos mestres mencionados no início das Escrituras. Depois de seu batismo por Filipe, Simão tentou comprar o ofício de apóstolo de Pedro, na esperança de conseguir o poder de conceder às pessoas o Espírito Santo. Motivado pela ganância de poder e influência, ele forjou sua própria conversão e conseguiu ser batizado para parecer cristão (Atos 8:9-23). Mais tarde, fontes históricas indicam que ele havia mesclado vários elementos do paganismo e misticismo em uma filosofia cristã falsa.

Uma tendência perigosa havia sido estabelecida. Em breve “falsos apóstolos”, “falsos mestres” e “falsos irmãos” surgiriam em abundância.

Um falso cristianismo havia nascido. E seguiria crescendo. Em suas palavras de despedida aos anciãos da igreja de Éfeso, Paulo declarou: “Porque eu sei isto: que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si. Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, durante três anos, não cessei, noite e dia, de admoestar, com lágrimas, a cada um de vós” (Atos 20:29-31).

Outro evangelho ganha espaço

O impacto dos ensinamentos distorcidos devastou a Igreja primitiva. Por exemplo, os cristãos na província romana da Galácia se voltaram em massa dos ensinamentos do apóstolo Paulo para um evangelho corrompido e falsificado, engenhosamente inventado e fomentado por esses falsos apóstolos.

Paulo descreveu a abordagem que eles usavam e o efeito que esses falsos mestres causaram aos cristãos da Galácia: “Admira-me que estejais passando tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo para *outro evangelho*, o qual não é outro, senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo” (Gálatas 1:6-7, ARA).

Os irmãos nessa área estavam sendo arrastados para uma das muitas seitas que compunham esse emergente e falso Cristianismo. Paulo teve de lidar com conflitos religiosos gerados por elementos judaicos e gentios nas congregações da Galácia.

Esses enganadores astutos não rejeitavam completamente o evangelho ensinado por Paulo. Eles simplesmente deturpavam alguns aspectos dele. Em seguida, eles seduziam os cristãos da Galácia a aceitar *seu* evangelho—

uma mistura fatal de verdade e engano. Pois, ele continha verdade suficiente para parecer justo e cristão, mas também continha engano suficiente para impedir que qualquer um que o aceitasse recebesse a salvação.

Observe a efusiva condenação de Paulo a esse “outro” evangelho: “Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, *seja anátema*. Assim como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo: se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema” (versículos 8-9).

Um evangelho sem lei

Jesus advertiu Seus apóstolos que isso aconteceria: “E surgirão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos se esfriará” (Mateus 24:11-12). Jesus explicou que a falta de lei [a iniquidade], elemento chave na mensagem dos falsos mestres, tornaria suas ideias atraentes e populares. O desrespeito à lei de Deus finalmente se tornaria a base de um Cristianismo falsificado, popular e bem sucedido.

Os falsos profetas transmitiriam sua mensagem e doutrinas reconhecendo verbalmente a Jesus como “Senhor” enquanto se recusavam a obedecê-Lo (Lucas 6:46). O próprio Jesus advertiu sobre essa prática astuta e enganosa: “Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores” (Mateus 7:15).

Jesus deixou claro que os mestres da iniquidade [sem lei], por fora realmente pareceriam como ovelhas inocentes realizando atos religiosos devotos, mas não são Seus apóstolos ou servos: “Muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E, em teu nome, não expulsamos demônios? E, em teu nome, não fizemos muitas maravilhas? E, então, lhes direi abertamente: *Nunca vos conheci*; apartai-vos de mim, *vós que praticais a iniquidade*” (Mateus 7:22-23).

A lei de Deus: O campo da batalha religiosa

A controvérsia sobre a lei de Deus irrompeu no seio da Igreja, logo que os primeiros gentios se converteram. Certos crentes judeus queriam forçar a circuncisão e outras exigências físicas sobre os gentios. Eles exigiam que os gentios convertidos fossem fisicamente circuncidados para receberem a salvação (Atos 15:1).

Em uma grande conferência em Jerusalém, os apóstolos e os anciãos determinaram que a circuncisão não deve ser considerada um requisito para a salvação dos gentios (Atos 15:2, 5-10). Pedro salientou que Deus havia recentemente dado o Espírito Santo a vários gentios incircuncisos, o que demonstra a Sua vontade sobre o assunto (versículo 8, Atos 11:1-4, 15-18).

Os mesmos judeus também exigiram que os gentios observassem as cerimônias do templo e os rituais, que apontavam para as grandes verdades espirituais, como o sacrifício de Cristo. Os apóstolos insistiram que o sacrifício de Cristo foi suficiente para o perdão dos pecados pela graça de Deus (Hebreus 7:26-27).

Os sacrifícios e rituais no templo eram apenas instituições temporárias, até o sacrifício do verdadeiro “Cordeiro de Deus” (João 1:29) e Sua obra na vida dos crentes. Os apóstolos ensinaram que isso não era mais necessário (Atos 15:11, Hebreus 9:1-15) porque eles passavam “de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, e bebidas, e diversas abluções, impostas até ao tempo oportuno de reforma” (Hebreus 9:10, ARA).

Mas os apóstolos nunca consideraram as leis espirituais de Deus, resumi-das nos Dez Mandamentos, como sendo da mesma categoria de “ordenanças da carne”. Eles sempre apoiaram a obediência aos mandamentos de Deus. Paulo deixou isso bem claro: “A circuncisão é nada, e a incircuncisão nada é, mas, sim, a observância dos mandamentos de Deus” (1 Coríntios 7:19). E concluiu: “Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma! Antes, *estabelecemos a lei*” (Romanos 3:31).

A visão distorcida da graça de Deus

Assim como Jesus havia predito, mestres inescrupulosos se lançaram sobre os ensinamentos de Paulo e dos outros apóstolos para distorcer seu significado (2 Pedro 3:15-16). Ao distorcer palavras dos apóstolos, primeiro sobre a graça e, em seguida, sobre essas “ordenanças da carne” que não eram mais necessárias, eles encontraram uma forma de justificar seu comportamento contrário à lei: “Pois certos indivíduos se introduziram com dissimulação, os quais, desde muito, foram antecipadamente pronunciados para esta condenação, homens ímpios, que transformam em libertinagem [comportamento vergonhoso] a graça de nosso Deus e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo” (Judas 4, ARA).

Para eles, a graça justificava o pecado—a transgressão da lei de Deus—permitindo-lhes desconsiderar os ensinamentos bíblicos que não apreciavam. Eles distorciam a explicação de Paulo, de que não podemos ganhar a salvação com nossas próprias “obras”, e a usavam como desculpa para não fazerem nenhum esforço para obedecer a Deus.

Pedro identificou o real problema deles. Eles “menosprezam qualquer governo. Atrevidos, arrogantes, não temem difamar autoridades superiores” (2 Pedro 2:10, ARA). A característica dominante desses enganadores era sua ânsia de atacar verbalmente e questionar os apóstolos e os anciãos que eram os verdadeiros pastores do rebanho de Deus.

Como consequência, disse Pedro, eles estavam “abandonando o reto caminho, se extraviaram . . . porquanto, proferindo palavras jactanciosas de vaidade, engodam com paixões carnis, por suas libertinagens, aqueles que estavam prestes a fugir dos que andam no erro, prometendo-lhes liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção” (versículos 15, 18-19, ARA).

Agora, um problema ainda mais sinistro se disseminava entre as congregações espalhadas do povo de Deus. Os falsos mestres, ao invés de tentar impor mais leis sobre os gentios, começaram a explorar a misericórdia de Deus—a graça de Deus—ao defender a ideia de que os cristãos foram

liberados da lei e não precisam mais obedecê-la. No entanto, Deus diz que transgredir Sua lei é pecado (1 João 3:4).

Esses mestres apresentavam a lei de Deus de forma inapropriada, como um fardo desnecessário. João respondeu: “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos” (1 João 5:3, ARA).

Contrário à ideia de ser *liberado* da lei, Tiago chama os mandamentos de Deus de “a lei real” e “lei da liberdade” (Tiago 2:8-12). Deus projetou a Sua lei para garantir a liberdade das consequências de males como o adultério, assassinato, roubo, fraude e cobiça.

É o *pecado*, não a lei de Deus, que nos escraviza (Romanos 6:6). Tornamos-nos livres da escravidão do pecado ao obedecer a Deus (versículo 17). Paulo explica que a obediência e a justiça são inseparáveis. “Porque não são os que ouvem a Lei que são justos aos olhos de Deus; mas os que *obedecem* à Lei, estes serão declarados justos” (Romanos 2:13, NVI).

Para entender melhor a verdade sobre a lei e a graça, você pode solicitar ou baixar o nosso livro gratuito *A Nova Aliança: Será que a Lei de Deus foi Abolida?*

Satanás, o diabo: O mestre enganador

A Escritura revela que aqueles que promoveram esses princípios sem lei foram influenciados por um poder espiritual invisível, Satanás, o diabo. Paulo disse: “Porque tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo. E não é maravilha, porque *o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz*. Não é muito, pois, que os *seus ministros se transfigurem em ministros da justiça*; o fim dos quais será conforme as suas obras” (2 Coríntios 11:13-15).

Satanás odeia a lei de Deus. Ele é um mestre enganador. Naturalmente, ele não poupará esforços para se infiltrar na Igreja fundada por Cristo.

Para cumprir o seu propósito, Satanás usa pessoas para enganar outras pessoas. É fácil para ele influenciar os seres humanos que desejam ensinar aos outros quando esses estão motivados pela ambição pessoal. Isto é especialmente verdade quando lhes falta uma compreensão adequada das Escrituras. Satanás simplesmente se aproveita do desejo deles de serem mestres espirituais. Ele seduz as pessoas suscetíveis a prestarem homenagem a Cristo só com palavras enquanto inventam seu próprio conjunto de novas crenças e ignoram ou desobedecem a partes das leis de Deus.

Paulo disse a Timóteo para advertir “a alguns que não ensinem outra doutrina” e que tenham um “coração puro”, “uma boa consciência” e “uma fé não fingida . . . Do que desviando-se alguns, se entregaram a vãs contendas, querendo ser doutores da lei e não entendendo nem o que dizem nem o que afirmam” (1 Timóteo 1:3, 5-7).

Líderes religiosos sinceros, mas equivocados, podem aceitar e aceitar doutrinas que, na mente deles, lhes permite ignorar alguns dos mandamentos de Deus. Em seguida, eles persuadem aos outros a acreditar como eles

acreditam. Infelizmente, por influência do diabo, eles se convencem de que seus conceitos equivocados são justos—que Deus está satisfeito com eles. Eles acreditam nas falsas doutrinas que ensinam. Embora sinceros, eles estão *sinceramente equivocados*.

Paulo diz: “Ora, o aparecimento do iníquo [um futuro mestre que irá defender doutrinas contrárias às leis de Deus] é segundo a eficácia de Satanás . . . com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos. É por este motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira” (2 Tessalonicenses 2:9-11). Provavelmente nenhum desses mestres enganados percebe que na realidade estão defendendo o ponto de vista de Satanás.

No entanto, ao criar uma falsa religião cristã—uma que não é totalmente diferente da verdadeira Igreja, mas que rejeita alguns dos ensinamentos bíblicos essenciais que conduzem à vida eterna—Satanás está tentando frustrar o plano de Deus para a salvação da humanidade. Lembre-se, Jesus disse: “Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos” (Mateus 19:17). E é exatamente isso que o diabo quer evitar. Ele difunde um Cristianismo sem lei que ensina que podemos obedecer seletivamente—ou mesmo ignorar—os mandamentos de Deus.

A iniquidade [transgressão da lei] em graus variados é o ponto central das doutrinas falsificadas de Satanás. O propósito de Satanás é convencer as pessoas de que estão servindo a Cristo, enquanto ele impede essas mesmas pessoas a se salvarem porque confunde seu entendimento do *que é o pecado*—assim praticarão pelo menos um certo grau de iniquidade [transgridem a lei].

Para cumprir o seu propósito, Satanás explora a natureza humana. Ele manipula as pessoas para que acreditem em seus enganos (1 João 5:19, Apocalipse 12:9). Satanás mantém apenas o suficiente da verdade em suas doutrinas para convencer as pessoas que estão seguindo a Cristo. Mas ele introduz erro suficiente para impedi-las de viver da maneira que Deus exige, como condição para herdarem a vida eterna.

Por que a desobediência é atraente para a natureza humana?

Satanás está tendo sucesso em enganar a humanidade por uma boa razão. O apóstolo Paulo explica que a mente natural do homem—a mente que não é guiada pelo Espírito de Deus—quase sempre não consegue ver o propósito por trás das leis de Deus. “Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, *porque lhe parecem loucura*; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1 Coríntios 2:14).

A maioria das pessoas não é abertamente hostil a muitas das leis de Deus. Geralmente, elas reconhecem que atos como assassinato e roubo são errados. No entanto, elas são hostis—talvez sem conseguir *reconhecer* essa hostilidade arraigada—às leis que desafiam a sua própria forma pessoal e natural de pensar. Nesse sentido, a ausência de lei [iniquidade] atrai as pessoas.

Paulo explica porque a desobediência pode ser atraente aos nossos mais básicos instintos: “Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser” (Romanos 8:7). A mente carnal, ou natural, não só carece de discernimento espiritual como também se ofende com a autoridade que Deus expressa em Suas leis. A Nova Tradução na Linguagem de Hoje traduz assim esse versículo: “As pessoas que têm a mente controlada pela natureza humana *se tornam inimigas de Deus*, pois não obedecem à lei de Deus e, de fato, não podem obedecer a ela”.

Nós chamamos esta tendência pecaminosa de *natureza humana*—uma combinação da fraqueza humana e atitudes adquiridas da influência de Satanás sobre a pessoa. Satanás explora a natureza humana. Ele usa seus falsos mestres para convencer outras pessoas que estão “liberados” das leis de Deus, assim justificando a sua tendência de serem hostis para com as leis de Deus. Então, ao invés de abandonar uma vida de iniquidade [transgredindo a lei], aqueles que são desviados por esse engano continuam pecando. E acreditando que suas ações desobedientes são permitidas por Deus, eles não conseguem enxergar, pelo menos em algumas de suas crenças e comportamentos, a seriedade de suas ações pecaminosas.

Porém, o apóstolo Tiago deixa claro que essa visão e atitude em relação à lei real de Deus são completamente errôneas: “Porque qualquer que guardar toda a lei e tropeçar em um só ponto tornou-se culpado de todos” (Tiago 2:10). O contexto mostra que Tiago está falando dos Dez Mandamentos (versículos 8-9, 11). A Lei fundamental de Deus é composta de dez pontos, e Ele requer que todos sejam observados—na letra e no espírito.

A apostasia da verdade começa

Cristo elogiou a igreja em Éfeso por se recusar a seguir os falsos apóstolos que tentavam tirar proveito de sua natureza humana e seduzi-los: “Eu sei as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência, e que não podes sofrer os maus; e puseste à prova os que dizem ser apóstolos e o não são e tu os achaste mentirosos” (Apocalipse 2:2).

Mas nem todos em todas as congregações seguiram o exemplo da igreja em Éfeso. Muitas aceitaram os ensinamentos dos falsos apóstolos e voltaram a pecar. É por isso que Pedro escreveu: “Porquanto se, depois de terem escapado das corrupções do mundo, pelo conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, forem outra vez envolvidos nelas e vencidos, tornou-se-lhes o último estado pior do que o primeiro. Porque melhor lhes fora não conhecerem o caminho da justiça do que, conhecendo-o, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado” (2 Pedro 2:20-21).

As pessoas começaram a afastar-se dos ensinamentos dos verdadeiros apóstolos de Cristo. Elas aceitaram as filosofias dos falsos mestres. Pedro havia advertido explicitamente que isso ocorreria. Ele disse que falsos mestres se levantariam “entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano

Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. *E muitos seguirão as suas práticas libertinas*, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade” (2 Pedro 2:1-2, ARA).

Pedro antecipou que não apenas alguns—mas *muitos*—cristãos se desviariam da verdade para seguir doutrinas que eram mais atraentes para a mente carnal. Mais tarde João confirma que isso foi, de fato, o que aconteceu: “Saíram de nós, mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco; mas isto é para que se manifestasse que não são todos de nós” (1 João 2:19).

Barnabé e Paulo encontraram um falso profeta determinado a afastar as pessoas da verdade. “E, havendo atravessado a ilha até Pafos, acharam um certo judeu, mágico, falso profeta, chamado Barjesus, o qual estava com o procônsul Sérgio Paulo . . . Mas resistia-lhes Elimas, o encantador (porque assim se interpreta o seu nome), procurando apartar da fé o procônsul” (Atos 13:6-8).

Em outras ocasiões, o problema estava com os falsos irmãos (Gálatas 2:4). Paulo se refere a suas provações “em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os *falsos irmãos*” (2 Coríntios 11:26).

Esses falsos cristãos não haviam se tornado apenas uma verdadeira ameaça para a segurança e eficácia de Paulo, mas também haviam se tornado parte significativa da visível comunidade cristã. Alguns podem até ter finalmente saído do povo especial de Deus, mas continuaram chamando-se cristãos. Outros se tornaram membros de seitas novas e supostamente libertadas, que mantinham o nome de cristãos. Provavelmente, outros ainda permaneceram na comunhão dos fiéis e com o tempo corromperam as congregações com suas próprias doutrinas heréticas.

Um falso cristianismo estava começando a se estabelecer firmemente.

Os verdadeiros cristãos são forçados a sair das congregações

Como os ensinamentos dos falsos ministros ganharam popularidade, seus seguidores cresceram gradualmente até se tornar maioria em algumas congregações. O apóstolo João registra um exemplo trágico: “Tenho escrito à igreja; mas Diótrefes, que procura ter entre eles o primado, não nos recebe. Pelo que, se eu for, trarei à memória as obras que ele faz, preferindo contra nós palavras maliciosas; e, não contente com isto, não recebe os irmãos, e impede os que querem recebê-los, e *os lança fora da igreja*” (3 João 9-10).

Por incrível que pareça, aqueles que eram fiéis ao ensinamento dos apóstolos foram *expulsos* desta congregação! Havia se tornado minoria. A maioria havia escolhido seguir Diótrefes, que, em sua própria cobiça pelo poder e influência, acusava falsamente o apóstolo João. Satanás havia conseguido colocar seu ministro sobre esta congregação, expulsando os servos fiéis de Jesus Cristo.

Lembre-se, Jesus já havia advertido a seus verdadeiros servos que isso iria acontecer: “Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; E porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem. Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores” (Mateus 7:13-15).

Ele também disse que, como anteriormente citado: “Bem profetizou Isaías acerca de vocês, hipócritas; como está escrito: ‘Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão *me adoram*; seus ensinamentos não passam de *regras ensinadas por homens*’. Vocês *negligenciam os mandamentos de Deus e se apegam às tradições dos homens*” (Marcos 7:6-8, NVI).

Agora podemos entender porque Paulo explicou, aos cristãos em Roma, como dar a resposta apropriada para aqueles que incitavam a divisão dentro da Igreja: “Recomendo-lhes, irmãos, que tomem cuidado com aqueles que causam divisões e colocam obstáculos ao ensino que vocês têm recebido. Afastem-se deles” (Romanos 16:17, NVI).

O falso Cristianismo tornar-se dominante

Até o final do terceiro século os verdadeiros servos de Deus se tornaram uma distinta minoria entre aqueles que se diziam cristãos. O falso Cristianismo tinha alcançado a maioria.

Os falsos mestres, exitosamente, conseguiram muitos mais seguidores do que os ministros fiéis de Deus. No entanto, a história mostra as seitas falsas não eram coesas em suas crenças. Existiam muitas facções entre elas.

Embora, dividido e inconverso, esse novo tipo de Cristianismo se expandiu rapidamente em números de membros e se tornou a igreja Cristã visível. Reivindicando oferecer a salvação, sem a necessidade de arrependimento real, ela mantinha apenas parte suficiente da verdade para atrair as massas.

Apesar de suas falhas, ela parecia oferecer uma esperança inigualável frente a qualquer religião pagã daquela época. Nenhuma das religiões pagãs oferecia para as pessoas uma maneira crível de receber o perdão dos pecados e alcançar a vida eterna. Esta nova religião parecia oferecer exatamente isso. Mal sabiam ou percebiam seus seguidores que suas promessas, sem verdadeiro arrependimento, eram em vão.

Ao final do terceiro século, este falso cristianismo era uma religião cheia de conflitos e amargamente dividida. Mas no início do quarto século, duas coisas aconteceram que abruptamente alteraram o curso da história cristã. Primeiro, o imperador romano Diocleciano intensificou a política de muitos imperadores romanos anteriores, a de perseguir os cristãos e ordenar que todos os manuscritos cristãos fossem queimados. E isso drasticamente trouxe de volta o clima de medo em toda a comunidade cristã.

Dez anos mais tarde, outro imperador, Constantino, chegou ao poder.

Ele havia derrotado outro poderoso rival para ter o direito de substituir Diocleciano como imperador, mas ele ainda tinha muitos inimigos, e sua posição política estava insegura. Em todo o império, somente os cristãos eram desligados da política. Constantino imediatamente viu uma oportunidade de usar este corpo religioso, outrora perseguido e politicamente alienado, para fortalecer seu poder sobre o império.

Primeiro, ele legalizou o cristianismo. Então, apenas dois anos mais tarde, ele chamou todos os grupos divididos que professavam o cristianismo para elaborar conjuntamente um sistema unificado de crenças. Ele queria um corpo religioso unido e politicamente comprometido com ele.

Para conseguir isso, Constantino presidiu as deliberações doutrinárias e ditou as declarações de crença, sempre que as divergências não podiam ser resolvidas amigavelmente. Exitosamente, ele logo formou um grupo conflitante de falsos cristãos que estavam dispostos a aceitar o controle do Estado em um grupo vassalo forte e unificado do Império Romano.

Williston Walker, ex-professor de história eclesiástica da Universidade de Yale, nos diz que, no ano 323, “Constantino finalmente se tornou o único governante do mundo romano. A igreja em todo o mundo romano estava livre de perseguições... Mas, com a conquista dessa liberdade de seus inimigos, se tornou em grande parte sob o controle do ocupante do trono imperial romano. Uma união fatal com o Estado tinha começado” (*A História da Igreja Cristã*, 1946, pág. 111).

A religião transformada através do sincretismo

Conforme essa nova religião—agora apoiada pelos imperadores romanos—cresceu em poder e influência, esforçou-se para se tornar uma igreja verdadeiramente universal. Na sua ambição de angariar mais membros, muitos novos convertidos—e muitas novas práticas—foram acolhidos no seu seio.

Charles Guignebert, professor de história do Cristianismo da Universidade de Paris, descreveu o processo: “Agora no início do quarto século, os ignorantes e os semi-cristãos afluíam à Igreja em grande número . . . *Eles não tinham esquecido nenhum de seus costumes pagãos*... Os bispos desse período tiveram de se contentar com a retificação, da melhor maneira que podia ser, e de modo experimental, das chocantes má-formações da fé cristã, as quais eles observavam em torno deles . . .

“[Instruir corretamente os convertidos] estava fora de questão, pois eles tiveram que se contentar em ensiná-los não mais do que o simbolismo do batismo e, em seguida, batizavam-nos em massa, *deixando para uma data posterior a tarefa de erradicar suas superstições, que eles ainda mantinham intactas* . . . Essa ‘data posterior’ nunca chegou, e a Igreja adaptava a si mesma, do melhor jeito que podia, a eles e seus costumes e crenças. Por sua vez, *eles estavam satisfeitos em mascarar seu paganismo em um manto cristão*” (*A História do Cristianismo*, 1927, págs. 208-210).

Qual foi o resultado? Esse Cristianismo dominado pelo Estado tornou-se

uma síntese bizarra de crenças, práticas e costumes de várias fontes.

Como o professor Guignebert explicou: “Às vezes é muito difícil dizer exatamente de qual rito pagão é que um específico rito cristão é derivado, mas continua sendo certo que o espírito do *ritualismo pagão* ficou *impresso no Cristianismo*, a tal ponto que, finalmente, *todos os ritos pagãos podem ser encontrados nas cerimônias cristãs*” (pág. 121).

Naqueles primeiros séculos, o cristianismo falso que os apóstolos de Jesus Cristo haviam lutado muito para conter, cresceu em tamanho e popularidade. Séculos mais tarde, essa religião seria fragmentada, repetidas vezes, em denominações rivais. Tragicamente, no entanto, nenhuma retornou completamente às práticas e ensinamentos originais de Jesus Cristo e dos apóstolos. Este fato é reconhecido por muitos estudiosos modernos da Bíblia (ver “Mudanças na Perspectiva de Estudiosos Cristãos sobre a Lei de Deus”).

Enquanto isso, aqueles que, por muitos séculos, continuaram fielmente desenvolvendo sua vida em obediência sincera a Deus e às Suas leis ainda eram, comparativamente falando, apenas um “pequeno rebanho” em um mundo confuso.

Mudanças na Perspectiva de Estudiosos Cristãos Sobre a Lei de Deus

A respeito da lei de Deus o cristianismo tradicional tem sido notavelmente inconsistente desde a Reforma Protestante. Por um lado, os Dez Mandamentos tem sido considerado a maior lei moral que a humanidade já conheceu. Por outro lado, quase sempre, eles têm sido considerados como muito irrelevantes ou arbitrários para serem obrigatório aos cristãos.

Esses pontos de vista contraditórios sobre os mandamentos de Deus tornaram-se evidentes no século dezesseis com as diferenças teológicas entre Martinho Lutero e João Calvino, os principais fundadores da teologia protestante.

João Calvino acreditava que os cristãos deviam guardar os Dez Mandamentos, embora cedendo à tradição, substituindo o sétimo dia da semana pelo primeiro dia no Quarto Mandamento. A visão de Calvino, embora popular em séculos passados, vem, constantemente, perdendo espaço desde o século vinte.

Hoje a maioria das denominações cristãs reflete, pelo menos, sobre a visão de Lutero quanto aos mandamentos de Deus. Lutero presumiu incorretamente que o apóstolo Paulo havia rejeitado a autoridade do Antigo Testamento, assim como Lutero rejeitou a autoridade da hierarquia católica de sua época. Mas a percepção

de Lutero sobre os ensinamentos de Paulo era imprecisa.

Lutero viu que Paulo ensinou a salvação pela graça mediante a fé (Efésios 2:8). Mas ele foi longe demais com esse ensinamento, e foi aí onde residia a fonte de seu erro colossal, que mais tarde formou a opinião de centenas de milhões de pessoas em todo o mundo.

Ele ensinou que a salvação é *somente* pela fé. Por isso ele quis dizer que as leis do Antigo Testamento, incluindo os Dez Mandamentos, não são obrigatórias para os cristãos. Ele ensinou que uma simples crença em Cristo é suficiente para a salvação—que somente a fé é todo o necessário. Como resultado, Lutero pôs as Escrituras do Antigo e Novo Testamento umas contra as outras.

James Dunn Lightfoot professor de teologia na Universidade de Durham, Inglaterra, explica que primeiro Lutero pressupôs incorretamente que a experiência pessoal de Paulo no judaísmo era idêntica à sua própria experiência no catolicismo de sua época. Então, Lutero presumiu erroneamente que Paulo estava preocupado com sua relação pessoal com a lei de Deus.

Dunn, em seguida, explica: “O problema com tudo isso é que quando Paulo fala explicitamente de sua própria experiência antes de se tornar um cristão, não tem nada a ver com tudo isso . . . Em Filipenses 3:6, ele afirma simplesmente que, antes de sua conversão, ele se considerava, ‘segundo a justiça que há na lei, irrepreensível’. Em outras palavras, não há nenhuma indicação ou sugestão de um período cheio de ansiedade de culpa [em Paulo], como aquela sofrida por Lutero”.

“A segunda pressuposição que Lutero fez”, continua Dunn, “foi que o judaísmo do tempo de Paulo era exatamente como o catolicismo medieval de seus dias, pelo menos no tocante ao ensino sobre a justiça de Deus e a justificação. Essa segunda pressuposição era natural, dado a primeira. Se Paulo tivesse feito a mesma descoberta da fé, como Lutero, então ele também deveria ter reagido contra o mesmo mal-entendido do mesmo jeito que Lutero” (*A Justiça de Deus*, 1994, págs. 13-14).

Como resultado dessas suposições imprecisas, Lutero concluiu que a morte de Cristo aboliu as leis de Deus do Antigo Testamento. Ele equivocadamente deduziu que Paulo ensinou a mesma coisa.

Mas não era isso que Paulo acreditava ou ensinava. Durante os últimos trinta anos, a obediência de Paulo aos ensinamentos das Escrituras do Antigo Testamento foram categoricamente confirmadas por muitos estudiosos cristãos e judeus.

Aqui estão alguns comentários de estudiosos sobre o assunto no livro *Retirando o Antissemitismo do Púlpito* (editado por Howard Kee, professor emérito de estudos bíblicos da Universidade de Boston, e Irvin Borowsky, presidente do Instituto Americano sobre Crenças, 1996).

John Pawlikowski, um professor da União Teológica Católica

de Ética Social de Chicago, diz: “A alegação de total oposição ao Torá [ensinamentos do Antigo Testamento] que os teólogos, especialmente nas igrejas protestantes, frequentemente fazem baseando-se em seu contraste teológico entre o cristianismo e o Judaísmo (liberdade/gracia versus Lei) agora parece repousar sobre algo menos do que um terreno sólido” (pág. 32). Também: “Agora isso está se tornando cada vez mais evidente para os estudiosos bíblicos, que a falta de uma profunda imersão no espírito e conteúdo das Escrituras Hebraicas deixa o cristão contemporâneo, com uma versão truncada da mensagem de Jesus. Com efeito, o que resta é uma versão enfraquecida de espiritualidade bíblica” (pág. 31, grifo do autor).

Lutero viu que Paulo ensinou a salvação pela graça mediante a fé (Efésios 2:8). Mas ele foi longe demais com esse ensinamento, e foi aí onde residia a fonte de seu erro colossal, que mais tarde formou a opinião de centenas de milhões de pessoas em todo o mundo.

Robert Daly, professor de teologia e sacerdote jesuíta, nos diz: “Expresso francamente da perspectiva cristã, ser antissemita é também ser anticristão” (pág. 52).

Frederick Holmgren, professor pesquisador do Antigo Testamento num seminário de Chicago, explica o significado das descobertas desses estudiosos: “Apesar do conflito de Jesus com alguns intérpretes do seu tempo, tanto estudiosos judeus quanto cristãos O veem como alguém que honrou e seguiu a Lei”.

O professor Holmgren também explica que “Jesus abraçou a Torá de Moisés; Ele não veio para acabar com ela, mas para cumpri-la (Mateus 5:17)—para levar seus ensinamentos adiante. Além disso, para aqueles que vieram a Ele buscando a vida eterna, Ele a elevou como o ensinamento fundamental a ser observado (Lucas 10:25-28)” (pág. 72).

Estes e outros estudiosos cristãos estão mudando seus pontos de vista sobre as leis de Deus no Novo Testamento. Não se pode deixar de ter esperança que muitos outros se sintam encorajados pelo exemplo destes para mudar seus preconceitos contra a obediência dos Dez Mandamentos. No entanto, é muito improvável que esta posição seja amplamente creditada e aceita, porque “a mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo” (Romanos 8:7, NVI).

As Antigas Tendências que Afetaram o Futuro da Igreja

Em Apocalipse 2 e 3 Jesus Cristo envia uma mensagem diferente para cada uma das sete igrejas na província romana da Ásia (Ásia Menor), parte da Turquia moderna.

O número sete indica perfeição, assim como sete dias faz uma semana completa. As sete mensagens de Apocalipse 2 e 3 pinta um quadro abrangente das tendências que já tinham começado e continuariam através da história da Igreja—tendências que dramaticamente moldariam o seu futuro. As sete mensagens nos dão várias e boas indicações do motivo que as profundas divisões entre os cristãos se desenvolveram e por isso a sectarização continuou a assolar as gerações seguintes.

As sete congregações são representadas por sete castiçais em Apocalipse 1. Juntos, elas representam a Igreja e sua missão de ser a luz do mundo (Mateus 5:14).

Jesus está no meio das sete congregações como a fonte de sua luz. Ele está sempre presente e acessível. Ele fará com que Sua promessa de sempre estar com Sua Igreja até o fim dos tempos nunca falhe (Mateus 28:20). Mas, como está evidente nas mensagens às sete congregações, nem todo mundo que vem para a Igreja continuará fiel a Ele.

As sete mensagens refletem com precisão as condições na Igreja, tal como era no primeiro século. Mas também são proféticas, pois elas revelam algumas das razões para as divisões nos séculos posteriores.

Cada uma das sete congregações recebe um aviso: “Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas” (Apocalipse 2:7, 11, 17, 29; 3:6, 13, 22). A mensagem a cada congregação é um aviso para as outras seis congregações: As mesmas ou condições similares podem ocorrer entre elas.

Nestas mensagens Cristo cita exemplos de obediência e desobediência entre os Seus seguidores, mostrando a quem Ele vai abençoar e a quem rejeitará. Ele esbanja elogios onde a condição é adequada. E critica os impenitentes por falhas que ameaçam a sua relação com Ele.

A Igreja, quando as mensagens foram escritas, estava passando por provações, perseguição e aprisionamento. Antipas, um residente local e mártir, já havia sido morto. Cristo incentiva as congregações a não desanimar, não desistir, não perder o compromisso com suas crenças, e—se necessário—estar disposta a morrer por causa Dele. Ele lembra-lhes que devem olhar para frente, para a era do Reino de Deus, para o momento

em que O ajudarão a governar o mundo com justiça.

Jesus elogia os membros dedicados pelo seu serviço, trabalho, paciência, perseverança, resistência e fé. No entanto, Suas críticas e alguns de Seus outros elogios são reveladores. Pois, mostram que a ameaça de dentro da Igreja era—e sempre será—motivo de preocupação.

Muitos membros dessas congregações se mantiveram fiéis apesar das inúmeras dificuldades e provações. Mas outros haviam perdido seu primeiro amor. Algumas estavam indiferentes e espiritualmente cegos—precisando desesperadamente de colírio para os seus olhos para que possam enxergar a sua condição de degeneração espiritual. E Cristo adverte-os: “Eu sou aquele que sonda as mentes e os corações. E darei a cada um de vós segundo as vossas obras” (Apocalipse 2:23).

Além do crescente problema de membros espiritualmente fracos, falsos profetas se infiltraram nas congregações. Os erros doutrinários estavam se desenvolvendo. A doutrina de Balaão, os ensinamentos dos nicolaítas e a influência sedutora de Jezabel são mencionados. Jesus diz aos cristãos em Tiatira: “Mas tenho contra ti o tolerares que Jezabel, mulher que se diz profetisa, ensine e engane os meus servos, para que se prostituam e comam dos sacrifícios da idolatria” (versículo 20). Trata-se da introdução da licenciosidade—licença para pecar com base em uma visão errada da lei e da graça.

A dissidência interna estava em andamento. Essa foi a verdadeira ameaça para a Igreja. E, participavam, como membros, nessas congregações dois tipos de pessoas. Os membros fiéis que são aqueles “que não podem suportar homens maus” e “que não conheceram as coisas profundas de Satanás” (versículos 2, 24, ARA). Mas a implicação é clara: Que alguns poderiam e “suportariam homens maus”, e outros estavam começando a sondar “as coisas profundas de Satanás”.

Encontramos um retrato da Igreja perto do fim da era apostólica. Satanás teve sucesso ao infiltrar os seus nas congregações levantadas pelos apóstolos. Ele atrai as pessoas para longe da fé de Cristo, usando falsos profetas para introduzir suas ideias e ensinamentos.

Mas, apesar dos esforços do diabo, muitos irmãos permaneceram fortes e fiéis e retiveram os ensinamentos dos apóstolos. Cristo felicitou-os: “Puseste à prova os que dizem ser apóstolos e o não são e tu os achaste mentirosos” (versículo 2).

Outros, que tinham perdido o interesse, foram seduzidos pelas heresias de Satanás—um ser “que engana todo o mundo” (Apocalipse 12:9). Uma congregação inteira já estava morta espiritualmente, tendo apenas alguns membros que não estavam

demasiadamente contaminados entre os cristãos convertidos. Satanás havia conseguido tomar o controle de uma grande parte do cristianismo.

Então, aqui nós encontramos as mensagens do próprio Cristo à Sua Igreja e que duas classes distintas de cristãos emergiram da era apostólica. Um grupo era fiel e o outro consistia de pessoas que, por muitas razões, estavam se afastando cada vez mais longe da verdadeira fé de Deus.

Muitos dos que se tornaram infiéis, em última instância, partiram da verdade de Deus. “Saíram de nós”, diz João, “mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco; mas isto é para que se manifestasse que não são todos de nós” (1 João 2:19).

Duas religiões distintas se desenvolveram a partir da era apostólica—uma fiel a Cristo e outra enganada por Satanás.

Quando é que o dia do Sábado deve ser observado? Que dia da semana é o Sábado?

Para entender qual dia é o Sábado bíblico—o dia reservado na Bíblia para um repouso semanal e para cultos de adoração—solicite sua cópia gratuita dos livros ***O Sábado de Pôr-do-sol a Pôr-do-sol: o dia do descanso de Deus*** e ***Os Dez Mandamentos***.

Você também aprenderá por que Deus quer que seu povo se congregue e por que este mandamento, que é um dos mais negligenciados dos Dez Mandamentos, é tão importante para o nosso relacionamento com Deus Pai e Jesus Cristo.



<http://portugues.ucg.org/estudos>

A Igreja de Deus Atualmente

“Portanto, pelos seus frutos os conhecereis. Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus”
(Mateus 7:20-21).

Com tantas igrejas ensinando tantas coisas diferentes, como é possível identificar aqueles que permanecem fiéis aos ensinamentos originais de Cristo? Com o mundo fortemente influenciado por Satanás e um falso Cristianismo, como é possível encontrar a verdade?

Jesus prometeu que as “portas do Hades”—do túmulo [Mat 16:18, NVI]—nunca prevaleceriam contra Sua Igreja. A verdadeira Igreja de Deus não morreria, mas iria sobreviver a qualquer tentativa de erradicação.

Como você pode encontrar a verdadeira Igreja de Deus, a Igreja que Jesus edificou? Como você pode localizar o povo especial de Deus no meio dessa fé fragmentada e dividida conhecida como Cristianismo? O que distingue a verdadeira Igreja de Deus daqueles a quem Jesus Cristo disse: “Nunca vos conheci”? (Mateus 7:23).

Para responder a estas perguntas, precisamos entender uma importante lição que Jesus explicou em uma parábola.

A lição de um cobrador de impostos

Para reconhecer a diferença entre servos de Deus convertidos e aqueles cuja justiça é medida por suas tradições ou opiniões, é preciso ver além da impressionante aparência exterior. Em Sua parábola sobre o fariseu e o publicano (cobrador de impostos), Jesus mostra como discernir os traços daqueles que Deus se agrada quando comparado com as características daqueles que buscam impressionar as pessoas (Lucas 18:9-14).

Essa parábola do fariseu, um evidente religioso praticante, nos dá um exemplo impressionante. Ele se apresenta como um modelo de piedade, aquele que faz todas as coisas certas. Fielmente dá os dízimos e rejeita a injustiça e a imoralidade. Ele jejua e ora com regularidade e frequentemente. E o fato de ele agradecer a Deus por sua justiça indica uma convicção de que, sob sua própria ótica, sua vida religiosa é agradável a Deus. Ele se vê como um homem justo. Sem dúvida, ele impressiona a muitos outros também.

O coletor de impostos, por outro lado, tem uma visão muito diferente de si mesmo—e ainda tem uma reputação muito diferente. Qualquer um teria suspeitado que ele fosse corrupto, cheio de ganância e desonesto—extorquindo de muitas pessoas que tinham impostos pendentes, como era

comum. Dificilmente alguém teria confiança em um funcionário do fisco; a maioria das pessoas o evitaria como uma doença.

No entanto, nessa parábola, quem é o verdadeiro servo de Deus? O cobrador de impostos é quem verdadeiramente se arrepende e reconhece sua insignificância em comparação com Deus. Ele vê o seu passado como tem que ser visto. Ele admite seus pecados e humildemente pede perdão. Ele exibe uma atitude semelhante à de Cristo—“não se faça a minha vontade, mas a Tua” (Lucas 22:42). A transformação espiritual acontece em sua vida.

Mas o fariseu, confiante e acreditando ser um verdadeiro servo de Deus, permanece cego em sua própria condição espiritual. Ele acredita que sua proximidade a Deus está bem, convencendo-se de que está agradando a Deus. Mas ele não tem a compreensão do verdadeiro arrependimento. Ele está entre aqueles que “confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros” (Lucas 18:9).

Quem você teria escolhido como servo de Deus se tivesse sido convidado a decidir entre o fariseu e o cobrador de impostos? Você teria discernido corretamente quem era aceitável a Deus? Ou você teria ficado impressionado com a aparente justiça do fariseu, porque ele parecia ser um excelente exemplo espiritual, membro de um dos grupos religiosos mais prestigiados entre seu povo?

Devemos entender que Deus vê as pessoas de modo diferente de nós. Podemos ver o exterior de uma pessoa, mas Deus vê dentro das pessoas: “Porque o SENHOR não vê como vê o homem. Pois o homem vê o que está diante dos olhos, *porém o SENHOR olha para o coração*” (1 Samuel 16:7).

Como Paulo foi enganado

O apóstolo Paulo é um exemplo clássico de um homem que aprendeu sua lição—por suas próprias experiências. Paulo tinha sido um fariseu, membro de um dos mais rigorosos grupos judeus de sua época. Ele foi sincero no que acreditava e praticava. Ele resumiu seu próprio zelo e lealdade aos preceitos que tinha aprendido como fariseu:

“Ainda que também podia confiar na carne [na justiça da carne]; se algum outro cuida que pode confiar na carne, ainda mais eu: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu, segundo o zelo, perseguidor da igreja; segundo a justiça que há na lei, irrepreensível” (Filipenses 3:4-6).

Paulo explicou a razão da existência dessa cegueira espiritual, da qual ele tinha sido um zeloso representante: “Irmãos, o bom desejo do meu coração e a oração a Deus por Israel é para sua salvação. Porque lhes dou testemunho de que *têm zelo de Deus*, mas *não com entendimento*. Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, *não se sujeitaram à justiça de Deus*” (Romanos 10:1-3).

Este é um problema comum. Paulo perseguiu a Igreja de Deus por causa da sua cegueira espiritual e autojustiça. Mais tarde, ele agradeceu: “E dou graças ao que me tem confortado, a Cristo Jesus, Senhor nosso, porque me

teve por fiel, pondo-me no ministério, a mim, que, dantes, fui blasfemo, e perseguidor, e opressor; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade” (1 Timóteo 1:12-13).

Paulo, um fariseu temente a Deus, era sincero. Mas ele estava *sincera-mente errado*. Depois que Deus abriu sua mente, ele pôde ver o quão ele havia sido errado.

A condição do Cristianismo

O cristianismo em destaque e popular de nossa época está cheio de cristãos que são muito parecidos com Paulo antes de ser chamado por Deus para o arrependimento. Eles são sinceros, mas não compreendem a justiça de Deus. Como o fariseu da parábola de Cristo, eles não conseguem acreditar que poderiam estar errados. E negligenciam a obediência à lei de Deus por causa de sua falta de compreensão—por terem sido vítimas de um falso evangelho—mas estão sinceramente convencidos de que estão servindo a Jesus Cristo.

Como Paulo, antes de Deus o chamar, eles não reconhecem o pecado em si mesmos. Por causa de sua falta de entendimento,



O cristianismo em destaque e popular de nossa época está cheio de cristãos que são muito parecidos com Paulo antes de ser chamado por Deus para o arrependimento. Eles são sinceros, mas não compreendem a justiça de Deus.

nem sequer sabem o que *realmente é pecado*. Se lhes pedirem a definição bíblica do pecado, a maioria não tem ideia de como ou onde Deus define o pecado na Bíblia.

Como aqueles que vieram antes deles, eles seguem as “tradições de homens” em lugar dos mandamentos de Deus. Eles têm sido cegados pela penetrante influência de Satanás sobre as crenças das pessoas.

Muitas dessas pessoas são sinceras. Elas aprenderam o suficiente sobre o propósito da morte, vida e ressurreição de Cristo chegando a compreender partes do plano de Deus para salvar a humanidade. Muitas pessoas leem a Bíblia regularmente, com sinceridade, e querem agradar a Deus. Mas infelizmente essas pessoas, como Paulo antes do chamado de Deus, permanecem cegas para o verdadeiro significado do pecado, arrependimento e conversão.

O conhecimento que adquiriram e o respeito por toda a Bíblia foi em vão?

Não. Quando Deus abriu seus olhos para a verdade e tiveram o desejo de admitir seus erros, então irão reconhecer a verdadeira definição do pecado e do arrependimento.

A vantagem de conhecer a Bíblia

Quando a Igreja de Deus começou naquele dia de Pentecostes, há muitos anos, ela se originou entre os únicos povos da terra que estavam intimamente familiarizados com as Sagradas Escrituras—o povo judeu. O conhecimento das Escrituras lhes deu uma grande vantagem.

Paulo pergunta: “Que vantagem há então em ser judeu, ou que utilidade há na circuncisão? Muita, em todos os sentidos! Principalmente porque aos judeus foram confiadas as palavras de Deus” (Romanos 3:1-2, NVI).

Os israelitas, compatriotas de Paulo, tinham ideias imprecisas sobre muitas partes importantes da Escritura (como é o caso de muitas pessoas que se consideram cristãs hoje em dia). Mas a maioria delas tinha pelo menos aprendido muitas verdades básicas. E essa era a sua vantagem.

O conhecimento bíblico nos dá uma vantagem—como indivíduo, comunidade e nação. Qualquer um que conhece a Bíblia obtém vantagem. Aqueles que *praticam* o que ela ensina tem uma vantagem ainda maior.

Tendo já adquirido muito conhecimento bíblico em suas casas e sinagogas, os compatriotas de Paulo tinham uma base sobre a qual poderiam edificar. Tudo o que tinham aprendido não foi desperdiçado. Os gentios que não tinham conhecimento do verdadeiro Deus ou Seus caminhos não possuíam tal fundamento. (No entanto, de acordo com Romanos 2:14-15, alguns gentios tinha uma atitude propensa e obediente, mesmo sem conhecimento adequado—causando embaraço aos israelitas desobedientes que conheciam a lei).

E esse princípio segue sendo aplicado. E assim acontece com aqueles que hoje acreditam que a Bíblia é a Palavra de Deus, mas acham que podem escolher quais ensinamentos bíblicos devem ser aplicados em suas próprias vidas. Eles foram ensinados a ignorar alguns dos mandamentos de Deus e aceitam as tradições dos homens. Mas muitos deles estão pelo menos familiarizados com a Bíblia. O que é de grande valor.

O fato de conhecer a Bíblia pode dar a mesma vantagem a eles como ocorreu com os judeus dos dias de Paulo. Mas, para aproveitar essa vantagem, eles devem *aprender a entender a Bíblia corretamente* e deixá-la ser o seu *guia definitivo de crenças* e práticas. Um falso Cristianismo, sob a influência de Satanás, tem enganado a muitos, e somente aqueles poucos que obedecem a Deus são Seu povo especial.

Examine o seu próprio entendimento

Você pode estar agindo muito parecido com o que Paulo escreveu sobre os judeus. Talvez você, embora familiarizado com a Bíblia, esteja apenas começando a compreender os seus ensinamentos básicos. Talvez esteja apenas aprendendo agora sobre a importância de guardar os mandamentos

de Deus, do arrependimento genuíno, do destino da humanidade, do Reino de Deus, do significado da salvação e o que é a Igreja de Deus que Jesus edificou.

Se você já está familiarizado com a Bíblia, você tem uma vantagem distinta. Continuar a estudá-la diligentemente aumentará o conhecimento do que você já sabe e corrigirá o que ainda não compreende bem. Se você não estiver familiarizado com a Bíblia, sua vantagem será aprender o que ela ensina. Ela contém o conhecimento essencial para a salvação (2 Timóteo 3:15-17). (Para obter ajuda adicional, não se esqueça de baixar ou solicitar *A Bíblia Merece Confiança? E Como Você Pode Entender a Bíblia*. Ambos os livros são gratuitos).

Acima de tudo, permita que Deus corrija-o através da Sua Palavra. Tenha a atitude de Davi: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece as minhas inquietações. Vê se em minha conduta algo te ofende, e dirige-me pelo caminho eterno” (Salmo 139:23-24, NVI).

Se você deseja encontrar a verdadeira Igreja de Deus, edificada por Cristo—aquele “povo exclusivo de Deus”—é preciso saber o que está procurando. Você precisa saber as principais características que identificam o povo de Deus.

Você deve identificá-los pelos seus frutos

Mais do que qualquer outro fator, o fruto do povo de Deus é o que conta toda a história. “Portanto, pelos seus frutos os conhecereis”, disse Jesus. “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mateus 7:20-21).

Quem quiser encontrar as pessoas que são especiais para Deus, deve buscar aqueles que *fazem a vontade de Deus*. Este é o fruto que Jesus diz ser mais importante. Ele também diz: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:35). O povo exclusivo de Deus não apenas conhece a vontade de Deus, mas também a pratica “porque Deus derramou seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu” (Romanos 5:5, NVI).

Para Deus, o *amor* e a *obediência* são inseparáveis: “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos” (1 João 5:3, ARA). Paulo afirma o mesmo pensamento em palavras diferentes: “O amor não faz mal ao próximo; de sorte que o cumprimento da lei é o amor” (Romanos 13:10).

O poder do Espírito Santo faz com que o amor de Deus flua através de Seu povo dentro do canal de Sua lei. Sua lei *define* e *encaminha* ao amor. Fazer qualquer coisa contrária à lei de Deus é a antítese do amor. Por exemplo, cometer um assassinato, adultério ou roubo é transgredir a lei de Deus. E, fazer quaisquer coisas dessas é demonstrar uma falta de amor a Deus e ao próximo.

Quão importante é a relação entre o amor e a obediência? Simplesmente, é a chave que distingue o verdadeiro povo de Deus daqueles enganados por

Satanás: “Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo: qualquer que não pratica a justiça [os mandamentos de Deus, ver Salmo 119:172] e não ama a seu irmão não é de Deus” (1 João 3:10).

Amor e obra andam juntos. Eles são inseparáveis. Ambos são essenciais para os verdadeiros seguidores de Cristo.

Tiago disse: “E sede cumpridores da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos. Porque, se alguém é ouvinte da palavra e não cumpridor, é semelhante ao varão que contempla ao espelho o seu rosto natural; porque se contempla a si mesmo, e foi-se, e logo se esqueceu de como era. Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito” (Tiago 1:22-25).

Deus não aceita meros votos piedosos. Jesus disse: “Este povo honra-me com os seus lábios, mas o seu coração está longe de Mim” (Mateus 15:8). Ele também disse: “O homem bom tira boas coisas do seu bom tesouro, e o homem mau do mau tesouro tira coisas más” (Mateus 12:35).

Os corações e mentes dos servos de Deus são transformados pelo Seu Espírito para que possam querer obedecê-Lo. Eles, voluntariamente, submetem-se e obedecem a Deus. Servir a Deus é um modo de vida e não um mero rito. Os verdadeiros cristãos acreditam em Deus e praticam o que creem.

A evidência de sua obediência pode ser facilmente observada pelos frutos em suas vidas. Sem dúvida, você pode conhecê-los “por seus frutos”, especialmente pelos frutos do amor e da obediência. (Para uma explicação mais completa sobre o amor e a obediência, baixe ou solicite gratuitamente nosso livro *Os Dez Mandamentos*).

Como as leis de Deus definem o amor

Tudo o que Deus requer de Seu povo, e todo princípio da vida correta na Bíblia, está fundamentado em dois princípios básicos—*amar a Deus e amar nossos semelhantes*.

Um homem perguntou a Jesus: “Mestre, qual é o grande mandamento da lei?” (Mateus 22:36). Jesus respondeu citando Deuteronômio 6:5 e Levítico 19:18: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas” (Mateus 22:37-40).

O povo exclusivo de Deus entende as Escrituras. E sabe que a elaboração e propósito da lei de Deus são baseados no amor a Deus e às outras pessoas. E também entende que deve tratar os outros com amor como Deus ordena.

Através de Moisés, Deus pediu a antiga Israel: “Agora, pois, ó Israel, que é o que o SENHOR, teu Deus, pede de ti, senão que temas o SENHOR, teu Deus, e que andes em todos os seus caminhos, e o ames, e sirvas ao SENHOR, teu Deus, com todo o teu coração e com toda a tua alma, para guardares os mandamentos do SENHOR e os seus estatutos, que hoje te ordeno, para o teu

bem?” (Deuteronômio 10:12-13).

Isto é simplesmente uma versão expandida do primeiro grande mandamento citado por Jesus Cristo: Amar a Deus de todo coração, alma e mente. Note, também, que *amar* e *obedecer* a Deus estão intrinsecamente ligados. Amar a Deus é demonstrar obediência às leis de Deus, que Ele deu para o nosso bem.

A seguir, vemos uma expansão similar do segundo grande mandamento: “Circuncidai, pois, o prepúcio do vosso coração e não mais endureçais a vossa cerviz. Pois o SENHOR, vosso Deus . . . que não faz acepção de pessoas, nem aceita recompensas; que faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e veste. Pelo que amareis o estrangeiro, pois fostes estrangeiros na terra do Egito” (versículos 16-19).



Para cumprir sua missão e manter a proximidade e unidade que Cristo espera deles, os membros de Sua Igreja se reúnem regularmente como manda as Escrituras.

A mensagem de Deus, no Antigo e Novo Testamento, é simples. Uma vez que Deus não demonstra parcialidade, mas ama todas as pessoas, inclusive as pessoas que provavelmente não serão muito respeitadas—os estrangeiros, os órfãos, as viúvas—por isso Ele ordena a Seus seguidores que tratem essas pessoas de acordo com as instruções de Sua lei.

O povo obediente e convertido de Deus

Apocalipse 12 retrata o povo de Deus como uma mulher que é atacada por Satanás (versículo 13). O cumprimento dessa profecia é para ocorrer apenas antes do retorno de Jesus Cristo. “E o dragão irou-se contra a mulher e foi fazer guerra ao resto da sua semente, *os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo*” (versículo 17).

Observe que a Igreja é descrita como aquela que guarda os mandamentos de Deus e se aferra a tudo o que Jesus ensinou. Isso demonstra que a Igreja edificada por Jesus sempre obedeceu aos mandamentos de Deus e continuará a fazê-lo até o momento do retorno de Cristo à terra.

Esta passagem deixa claro que é impossível para uma igreja afirmar conhecer a Deus e ignorar a necessidade de obedecer a Seus mandamentos. O apóstolo João deixa isso muito claro: “E nisto sabemos que o conhecemos: *se guardarmos os seus mandamentos*. Aquele que diz: Eu conheço-o e não guarda os seus mandamentos é mentiroso [do grego *pseustes*, um farsante, aquele que nega a fé, uma pessoa falsa e sem fé], e nele não está

a verdade. Mas qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado; nisto conhecemos que estamos nele” (1 João 2:3-5).

A Igreja é composta de pessoas obedientes que, diligentemente, se esforçam para obedecer às instruções de Cristo e vivem “de toda a palavra de Deus” (Lucas 4:4). São pessoas que buscam regularmente a Deus em oração para conseguir a força e o poder que precisam para agradar a Deus e crescer na graça e no conhecimento (2 Pedro 3:18).

O povo de Deus são os convertidos; aqueles que receberam o Espírito de Deus (Romanos 8:9). Eles entendem como e quando Deus dá o Seu Espírito—que é preciso primeiro *se arrepender e ser batizado* (Atos 2:38). Eles sabem que o batismo sem arrependimento é meramente um ritual vazio e inválido.

Por exemplo, o apóstolo Paulo teve que rebatizar algumas pessoas que haviam sido previamente batizadas, mas não tinham conhecimento suficiente para serem realmente convertidas (Atos 19:1-5). Elas tinham sido imersas em água, mas não receberam o Espírito Santo até que Paulo, devidamente, as orientou e as rebatizou.

A verdadeira conversão requer um conhecimento básico do arrependimento e do significado do batismo. (Para uma explicação completa do arrependimento, batismo e conversão, não se esqueça de baixar ou solicitar a sua cópia gratuita dos livros *Transformando A Sua Vida: O Processo de Conversão e O Caminho para a Vida Eterna*)

O engano de Satanás tem levado a falsas conversões

Aqueles que “aceitam a Cristo”, mas não têm compreensão do que é o pecado e o arrependimento experimentam uma falsa conversão. Aqui é onde engano de Satanás tem tido mais êxito. Jesus disse claramente que muitos seguiriam os falsos profetas, aceitando uma falsa conversão.

Como isso pode acontecer? Isso acontece porque poucas pessoas entendem o que é pecado. Elas foram ensinadas que podem obedecer seletivamente, que a obediência total às leis de Deus não é mais necessária. Elas acreditaram em um falso evangelho que, em sua essência, ensina que podemos desconsiderar a totalidade ou parte da lei de Deus.

Satanás persuadiu as pessoas a “crerem em Cristo” *sem entender o que Ele ensinou*. Ele tem convencido as pessoas a aceitarem a ideia de que a Bíblia é a Palavra de Deus enquanto acreditam que podem receber a salvação sem arrepender-se de desobedecer às leis de Deus. Através desses enganos, o diabo tem promovido uma série de falsas conversões e criado um Cristianismo sem o Espírito de Deus—um Cristianismo impenitente!

A Igreja hoje

A Igreja fundada por Jesus é um corpo verdadeiramente convertido de pessoas que se arrependeram de ter desprezado as leis de Deus. E foram transformadas pelo batismo e recebimento do Espírito de Deus. Essas

pessoas são imperfeitas, pois ainda vacilam e, às vezes, pecam. Mas se arrependem. E confiam, pela fé, em Jesus Cristo para ajudá-las a viver por toda a palavra de Deus.

A Igreja hoje é o instrumento que Jesus Cristo utiliza para proclamar a verdade sobre a vinda do Reino de Deus ao mundo (Mateus 24:14). E é a família que Deus está formando—Seus próprios filhos—que receberão a vida eterna na volta de Cristo (1 João 3:1-2, 1 Coríntios 15:51-53).

Como filhos de Deus, a Igreja antecipa “novos céus e nova terra, em que habita a justiça” (2 Pedro 3:13). Seus membros aguardam ansiosamente o retorno de Jesus Cristo, para que possam auxiliá-Lo a trazer o verdadeiro arrependimento e salvação ao mundo (Lucas 11:2, Apocalipse 3:21).

Para cumprir sua missão e manter a proximidade e unidade que Cristo espera deles, os membros de Sua Igreja se reúnem regularmente como manda as Escrituras (Êxodo 20:8-11). E levam a sério a advertência: “E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos à caridade e às boas obras, não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns; antes, admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais quanto vedes que se vai aproximando aquele Dia” (Hebreus 10:24-25).

A Igreja se reúne no sábado do sétimo dia, como era o costume de Jesus Cristo e dos apóstolos (Lucas 4:16, 31-32, Atos 13:14, 42, 44). Seus membros se esforçam para seguir o exemplo de Jesus e dos apóstolos em todas as coisas (1 João 2:6, 1 Coríntios 11:1).

Os membros da Igreja de Deus Unida são dedicados a preservar e proclamar a “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Judas 1:3, ARA). As congregações da Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*, estão se esforçando para fazer a sua parte no cumprimento da missão que Cristo deu à Sua Igreja. (Se você quiser saber mais, solicite ou baixe o nosso livro gratuito *Esta é a Igreja de Deus Unida*).

Nós nos encontramos em grandes cidades ao redor do mundo. Estamos, zelosamente, empenhados em obedecer a Deus, amando uns aos outros e cumprindo a missão da Igreja de propagar o verdadeiro evangelho do Reino de Deus. Todos os que desejam aprender a verdade, para obedecer a Deus e conviver com os outros de mente e espírito igual são sempre bem-vindos.

Para uma explicação completa do arrependimento, batismo e conversão, não se esqueça de baixar ou solicitar a sua cópia gratuita dos livros ***Transformando A Sua Vida: O Processo de Conversão e O Caminho para a Vida Eterna***.



<http://portugues.ucg.org/estudos>

O Que a Igreja Primitiva Acreditou e Praticou?

O livro de Atos é um relato de testemunhas oculares da Igreja primitiva sobre a morte de Cristo até cerca do ano 60 d.C. O capítulo 2 registra o início da Igreja, quando Deus enviou o Seu Espírito para cento e vinte seguidores de Jesus Cristo.

Muitos leitores da Bíblia estão familiarizados com os acontecimentos milagrosos daquele dia—que o lugar onde estavam reunidos foi preenchido pelo som de um vento forte e algo que parecia ser línguas de fogo pousaram sobre os que estavam ali reunidos. Outro milagre ocorreu quando essas pessoas, agora cheias do Espírito de Deus, começaram a falar nos idiomas dos povos de muitos países, para que todos pudessem entender suas palavras.

Muitas vezes, esquecido nesse relato é o dia em que ocorreram esses eventos, o Dia de Pentecostes (Atos 2:1), uma das festas que Deus ordenou para o Seu povo muitos séculos antes (Levítico 23). Ao revelar essas festas, Deus disse que “são estas as minhas festas . . . as festas fixas do SENHOR, as santas convocações” (versículos 2, 4, ARA). Deus proclamou que essas festas seriam “estatuto perpétuo por vossas gerações” (versículos 14, 21, 31, 41).

Os Evangelhos mostram que Jesus Cristo observava as mesmas festas (Mateus 26:17-19, João 7:10-14, 37-38). Tanto o livro de Atos quanto as cartas de Paulo mostram os apóstolos guardando essas festas durante as décadas posteriores à crucificação de Cristo (Atos 2:1-4; 18:21; 20:6, 16; 27:9).

A maioria das igrejas ensina que as festas foram “pregadas na cruz” e que, de alguma forma, foram anuladas pela morte de Cristo. No entanto, o registro inconfundível da Bíblia mostra que a Igreja primitiva continuou a observá-las, porém com uma melhor compreensão de seu significado espiritual.

E, ao falar de uma dessas festas dadas por Deus, o apóstolo Paulo exortou a igreja em Corinto—um grupo misto de gentios e judeus crentes—a celebrar “a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade” (1 Coríntios 5:8, ARA). Paulo estava se referindo claramente a Festa dos Pães Ázimos (ver Levítico 23:6, Deuteronômio 16:16).

Paulo explicou o significado da Páscoa (1 Coríntios 5:7; Levítico 23:5) e deu instruções sobre a maneira correta de observar essa cerimônia (1 Coríntios 11:23-28).

As inúmeras referências nos Evangelhos, em Atos e nas epístolas de Paulo levam a uma questão óbvia: Desde que Jesus, os apóstolos e a Igreja primitiva observaram esses dias, por que as igrejas não os ensinam e nem os observam hoje? Afinal, Paulo

fez uma conexão direta entre as festas e Jesus, Seu propósito e Seu sacrifício pela humanidade (1 Coríntios 5:7). (Para saber mais sobre essas festas, solicite ou baixe gratuitamente o livro *O Plano dos Dias Santos de Deus: A Promessa de Esperança Para Toda a Humanidade*).

Os Evangelhos e o livro de Atos são igualmente claros ao informar que Cristo, os discípulos e a Igreja primitiva guardaram o Sábado—de sexta-feira à noite a sábado à noite, o sétimo dia da semana—como o dia de descanso e adoração (Marcos 6:2, Lucas 4:16, 31-32; 13:10, Atos 13:14-44; 18:4). O próprio Jesus disse que Ele mesmo era “Senhor do Sábado” (Marcos 2:28).

Era costume de Jesus ir à sinagoga todos os Sábados para adorar (Lucas 4:16). Ao contrário do ensinamento daqueles que dizem que Paulo abandonou o Sábado, pois também era seu costume ir à sinagoga todos os Sábados (Atos 17:1-3), usando a oportunidade para ensinar aos outros sobre Jesus Cristo.

O Sábado semanal é outra festa de Deus, como as mencionadas anteriormente. De fato, está listado como a primeira de



Era costume de Paulo ir à sinagoga todos os sábados, usando a oportunidade para ensinar aos outros acerca de Jesus Cristo.

Suas festas (Levítico 23:1-4). Ele está incluso nos Dez Mandamentos (Êxodo 20:8-11, Deuteronômio 5:12-15).

Como as outras festas de Deus, o Sábado é ignorado pela maioria esmagadora das igrejas. Ao invés de guardar o Sábado como ordenou Deus, a maioria das igrejas se reúne no primeiro dia da semana—domingo—um dia que nunca foi ordenado na Bíblia como dia de adoração. Por quê? Se formos observar algum dia como dia de descanso semanal e de culto, não deveria ser o mesmo dia em que Jesus Cristo e os apóstolos guardaram? (Para saber mais, não deixe de pedir ou baixar nosso livro gratuito *O Sábado, de Pôr do sol a Pôr do sol: O Dia do Descanso de Deus*)

Encontramos também outras diferenças no ensino e na prática. Muitas igrejas ensinam que a obediência à lei de Deus é desnecessária e que Cristo cumpriu a lei para nós ou que a lei foi “pregada na cruz” com Ele. Isso vai diretamente contra às palavras do

próprio Jesus (Mateus 4:4; 5:17-19) e do ensinamento e prática dos apóstolos (Atos 24:14; 25:8, Romanos 7:12, 22; 1 Coríntios 7: 19; 2 Timóteo 3:15-17).

Seguindo o exemplo de Cristo, os apóstolos pregaram, poderosamente, sobre o retorno de Jesus Cristo para estabelecer o Reino de Deus (Lucas 4:43; 8:1; 21:27, 31; Atos 1:3; 8:12; 14:22; 19: 8; 28:23, 31). Mas Paulo advertiu que, mesmo em sua época, alguns já estavam pregando “outro evangelho” (2 Coríntios 11:4, Gálatas 1:6).

Vemos muita confusão nas igrejas sobre o que é o evangelho. Elas o veem mais como uma mensagem sobre a história da vida e morte de Cristo para nos “salvar”, mas realmente não entendem por que Ele veio e por que tinha que morrer e, assim, não proclamam a mensagem do Reino de Deus que o próprio Cristo ensinou (Marcos 1:14-15).

Da mesma forma, Jesus e os apóstolos não ensinaram que os justos iriam ascender ao céu no momento da morte (João 3:13, Atos 2:29, 34), e eles entendiam que o homem não possui uma alma imortal (Ezequiel 18:4, 20; Mateus 10:28), nem que passariam a eternidade no céu ou inferno. (Para saber a verdade sobre estas questões, solicite ou baixe nossos livros gratuitos *O Evangelho do Reino de Deus e Céu e Inferno: O que Realmente Ensina a Bíblia?*)

Além disso, em nenhum lugar encontramos os feriados religiosos populares, como o Natal, aprovados na Bíblia. A Quaresma e suas práticas estão longe de serem encontradas na Bíblia (Leia nosso livro grátis *Feriados Religiosos ou Dias Santos: Será Que Importa Quais Dias Observamos?*).

Estas são algumas das principais diferenças entre o cristianismo da época de Cristo e dos apóstolos e o que hoje é comumente praticado. Será que você não deveria olhar para sua Bíblia para ver se suas crenças e práticas se enquadram no que Jesus Cristo e os apóstolos praticaram e ensinaram? Como visto, temos muitos recursos que podem ajudá-lo em seu estudo da Palavra de Deus. Procure baixar ou solicitar suas cópias gratuitas hoje mesmo!

Para saber a verdade sobre estas questões, solicite ou baixe nossos livros gratuitos ***O Plano dos Dias Santos de Deus: A Promessa de Esperança Para Toda a Humanidade*** e ***Céu e Inferno: O que Realmente Ensina a Bíblia?***



<http://portugues.ucg.org/estudos>

A Igreja Como a Noiva de Cristo

A Igreja de Deus é a família de Deus, composta de cristãos que são filhos de Deus Pai e são “irmãos” de Jesus Cristo (1 João 3:1-2, Hebreus 2:11-12, NVI). O Pai deseja que todas as pessoas finalmente se tornem Seus filhos, e o relacionamento entre pais, filhos e irmãos a nível humano tinha a intenção de retratar essa grande realidade espiritual.

Mas há outra relação familiar, que também retrata essa imensa realidade espiritual—o *casamento*. O casamento humano entre marido e mulher tinha a intenção de retratar o casamento de Jesus Cristo com a Igreja. Cada um dos cristãos é irmão de Cristo. Mas, coletivamente, constituem a Sua Noiva, agora como noiva ou noivo dEle que futuramente O acompanhará em um relacionamento conjugal divino por toda a eternidade.

O casamento humano foi instituído com o primeiro casal, Adão e Eva. Deus fez Adão cair em um sono profundo, então lhe abriu



O casamento humano tem por objectivo representar o derradeiro relacionamento do casamento—a especial e íntima relação que Jesus Cristo vai compartilhar com o Seu povo.

a carne de um lado e retirou uma costela, da qual fez Eva para ser uma esposa—uma parceira adequada que complementava o homem. Quando Deus a apresentou a ele, Adão disse: “Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne” (Gênesis 2:23). Essencialmente, Eva era parte de Adão—de seu próprio corpo.

Deus disse: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (versículo 24, ARA). Em certo sentido, isso se refere a uma união física literal, a união sexual. Ele imediatamente percebeu que ambos estavam nus e não se envergonhavam (versículo 25). Mas, figurativamente, também se refere a uma união de vidas em uma profunda união. Jesus disse: “Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem” (Mateus 19:6).

Íúmeros versículos referem-se à Igreja de Deus como o Corpo

de Cristo, que individualmente pode ser comparada às várias partes de um corpo (Romanos 12:4-5, 1 Coríntios 12:12-27, Efésios 1:22-23; 4:12, Colossenses 1:24). E Jesus é a “cabeça do corpo da igreja” (Colossenses 1:18). É por isso que o marido é a cabeça da mulher no matrimônio terreno.

O apóstolo Paulo explica esta relação física e também divinamente espiritual em Efésios 5:22-33: “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vosso marido, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seu marido.

“Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim devem os maridos amar a sua própria mulher como a seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher ama-se a si mesmo. Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes, a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja.

“Porque somos membros do seu corpo. Por isso, deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher; e serão dois numa carne. *Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja.* Assim também vós, cada um em particular ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o marido”.

Está muito claro que o casamento humano foi instituído com a intenção de representar o relacionamento conjugal definitivo. A união em uma só carne a nível físico tem um paralelo espiritual com a relação especial e íntima de Cristo com o Seu povo. Como Paulo explicou: “Aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele” (1 Coríntios 6:17, ARA).

No entanto, como mencionado, os membros da Igreja ainda não entraram na plenitude do relacionamento conjugal com Cristo. Eles estão atualmente desposados com Ele, com a responsabilidade de permanecer espiritualmente puros. Paulo disse a alguns daqueles que ele tinha ajudado a se converter, “Porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo” (2 Coríntios 11:2).

E quando Jesus Cristo retornar pela última vez, será declarado: “Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória, porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou” (Apocalipse 19:7).

A Nova Aliança, o pacto no qual os seguidores de Jesus Cristo se comprometem com Ele, é de fato uma aliança de casamento.

Esta nova aliança havia sido prometida à antiga Israel muito antes de Cristo vir em carne (Jeremias 31). Ela se tornou necessária em virtude do fato de que a nação tinha violado os termos da *Antiga Aliança*, que Deus havia celebrado com Israel no Monte Sinai—“Porquanto eles anularam a minha aliança, não obstante eu os haver desposado, diz o SENHOR” (versículo 32, ARA). Assim, a Antiga Aliança também era uma aliança de casamento.

Então, Israel era a noiva de Deus e é importante compreender que Aquele que os israelitas conheciam como Deus no período do Antigo Testamento era Quem, mais tarde, nasceria como Jesus Cristo (ver 1 Coríntios 10:4 e nossos livros gratuitos *Deus é uma Trindade?*, *Quem é Deus?* e *Jesus Cristo: A Verdadeira História*). A Noiva de Cristo era, portanto, Israel, mas a nação quebrou seus votos de casamento—adorando a outros deuses, que Deus enxergou como fornicação e adultério espiritual (Levítico 17:7, Jeremias 3:1, 6).

A Antiga Aliança terminou com a morte de Jesus Cristo. Porém, o Cristo ressuscitado ainda pretendia se casar com Israel, mas sob uma Nova aliança—um novo acordo de casamento. Essa aliança é para todas as pessoas, mas todos devem se tornar israelitas, espiritualmente, através de Cristo. A Igreja é a Israel espiritual—a precursora do relacionamento da Nova Aliança. (Para saber mais sobre isso, consulte o nosso livro grátis *A Nova Aliança: Será que A Lei de Deus Foi Abolida?*)

Deus também mencionou no Antigo Testamento de ser casado com a cidade de Jerusalém, a qual representava toda a Israel (Ezequiel 16). Da mesma forma, a futura Nova Jerusalém é referida como “a noiva, a esposa do Cordeiro” (Apocalipse 21:9-10, ARA). Isso é porque ela será composta de todos os que são fiéis a Deus, sendo a morada eterna de Deus e Seu povo. Devemos lembrar que a própria Igreja é chamada de “morada de Deus no Espírito” (Efésios 2:22)—tal como o Pai e Cristo vivem dentro de seus membros por meio do Espírito Santo.

Que todos nós possamos permanecer fiéis hoje, olhando para a frente e vislumbrando antecipadamente uma eternidade de felicidade e de perfeita união com Jesus Cristo na família de Deus!

Faça o download ou peça o nosso livros gratuito “*Deus é uma Trindade?*” e “*Jesus Cristo: A Verdadeira História*” para descobrir as respostas a estas perguntas e muito mais!



<http://portugues.ucg.org/estudos>

ENDEREÇOS POSTAIS

Estados Unidos da América:

(Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)

Igreja de Deus Unida

P O Box 541027

Cincinnati, OH, 45254-1027

Telefone: +1 (513) 576 9796

Inglaterra:

United Church of God

P O Box 705

Watford,

Herts WD19 6FZ

Telefone: +44 (0)20-8386-8467

Brasil:

Igreja de Deus Unida

Caixa Postal 2027

Uberlândia – MG,

CEP 38400-983

Telefone: +1 (513) 576 9796

Internet:

<http://portugues.ucg.org>

www.ucg.org

<http://www.ucg.org/beyond-today>

e-mail: info@ucg.org

Autor: Roger Foster

Contribuidores editoriais: Scott Ashley, Tom Robinson

Revisores editoriais: Paul Kieffer,

John Ross Schroeder, Donald Ward

Capa: ilustração fotográfica por Shaun Venish/Art Beats

Artista de layout em Português: Michelle Vautour

Tradutor: Giovane Macedo

Revisor da tradução: Jorge Manuel de Campos

Para Saber Mais . . .

Quem Somos: Esta literatura é distribuída gratuitamente pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional, que tem ministros e congregações em muitas partes do mundo.

Nossas raízes remontam à Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa incumbência é a de proclamar o evangelho do vindouro Reino de Deus em todo o mundo, como um testemunho, e também ensinar todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

Gratuidade: Jesus Cristo disse: “de graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10:8). A Igreja de Deus Unida oferece esta e outras publicações gratuitamente, como um serviço educacional de interesse público. Nós o convidamos a solicitar sua inscrição gratuita da revista A Boa Nova e a inscrever-se em nosso Curso Bíblico, composto de doze lições, que também é gratuito.

Somos gratos pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja e doutros colaboradores que, voluntariamente, contribuem para apoiar esta obra. Nós não solicitamos fundos ao público em geral. No entanto, são bem-vindas as contribuições para ajudar-nos compartilhar esta mensagem de esperança com outros. Detalhes bancários para depositar seus dízimos ou ofertas estão na contra-capa da revista A Boa Nova. Nossa contabilidade é auditada anualmente por uma firma independente de auditoria.

Aconselhamento pessoal: Jesus ordenou aos seus seguidores a apascentar Suas ovelhas (João 21:15-17). Para cumprimento dessa instrução, a Igreja de Deus Unida tem congregações ao redor do mundo, onde os crentes reúnem-se para receberem o ensinamento das Escrituras e para se confraternizarem.

A Igreja de Deus Unida empenha-se em entender e praticar o cristianismo do Novo Testamento. Desejamos compartilhar o caminho de vida de Deus com aqueles que, fervorosamente, buscam adorar e seguir o nosso Salvador, Jesus Cristo.

Os nossos ministros estão disponíveis para aconselhamento, para responder a questões e dúvidas sobre a Bíblia. Caso deseje contatar um ministro, ou visitar uma de nossas congregações, sinta-se à vontade para entrar em contato o nosso escritório mais próximo.

Informação adicional: Visite o nosso site <http://portugues.ucg.org> para solicitar ou baixar os nossos guias de estudo Bíblicos ou a revista A Boa Nova. Se desejar corresponder-se conosco em português, por favor envie um e-mail para info@ucg.org ou escreva a um dos endereços listados neste guia de estudo Bíblico.